



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA LUCIA DE SOUZA**

**PAISAGEM E IMAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**RIO DE JANEIRO  
2016**

**MARIA LUCIA DE SOUZA**

**PAISAGEM E IMAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Guaracira Gouvêa de Sousa

**Rio de Janeiro  
2016**

S729 Souza, Maria Lucia de.  
Paisagem e imagem nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental / Maria Lucia de Souza, 2016.  
116 f.; 30 cm

Orientadora: Guaracira Gouvêa de Sousa.  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. Livros didáticos. 2. Geografia (Ensino fundamental).  
3. Ilustração de livros. I. Sousa, Guaracira Gouvêa de.  
II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado em Educação. III. Título.

CDD – 371.32



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MARIA LUCIA DE SOUZA**

**A PAISAGEM E A IMAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovado pela Banca Examinadora  
Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Professora Doutora Guaracira Gouvêa de Sousa  
Orientador – UNIRIO

---

Professor Doutor Manoel Martins de Santana Filho– UERJ-FFP

---

Professora Doutora Lucia Helena, Pralon de Sousa – UNIRIO

Dedico este trabalho a minha mãe Maria das Graças (*in memoriam*), mulher corajosa que deixou seu exemplo de fé e persistência.

## Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me concedido forças para trilhar esse longo caminho o qual sei que não é o último, pois muitos ainda virão.

Para chegar até aqui, muitas pessoas me auxiliaram tanto na minha formação moral como na acadêmica e moral.

Na formação moral, mesmo sem muita instrução, aos meus pais que sempre me ensinaram a ter humildade e perseverança para alcançar os objetivos na vida.

A minha mãe (*in memoriam*), mulher de fé e persistência, que eu queria estivesse aqui neste momento para compartilhar desta conquista. Ela sempre valorizou os estudos ajudando eu e minhas irmãs desde as primeiras letras, acompanhando-nos até chegar a universidade.

A meu pai, Sebastião, que com seu exemplo, não mediu esforços para nos auxiliar nos estudos e que durante a trajetória do mestrado dispunha-se do seu tempo para que eu e minhas irmãs fizéssemos os nossos trabalhos.

As minhas irmãs Verônica e Elisângela, também mestras, que me ajudaram a concretizar este trabalho, através de suas experiências contribuíram com as suas colocações e também com o “apoio moral e fraterno” na escrita da dissertação, bem como nos momentos de desespero. Vocês sabem a importância que tem na minha vida.

Aos meus pequenos e adoráveis sobrinhos João Pedro e Maria Vitória, que souberem compreender a minha ausência durante a escrita desta dissertação. Aí Maria Vitória, acabou o trabalho! Titia os ama muito.

Um agradecimento especial a minha orientadora, professora Guaracira Gouvêa, por ter aceitado me orientar e acreditar no meu trabalho, me auxiliando com suas contribuições e toda a sua experiência, me fazendo confiar que é possível fazer pesquisa.

Quero agradecer também a todos os professores que tive durante toda minha vida escolar, desde a educação básica até o ensino superior. Aqui não dá para citar o nome de todos, mas sintam-se lembrados, mesmo aqueles que não se encontram mais neste mundo. Sem esses profissionais não seria possível essa minha formação. Sou muito agradecida.

Meu agradecimento ao corpo docente com os quais estudei do Colégio Estadual Elisiário Matta, local em que cursei Formação de Professores, hoje chamado de curso normal, onde aconteceu a iniciação desta profissão.

Ao corpo docente do Departamento de Geografia Faculdade de Formação de Professores da UERJ, instituição em que cursei a licenciatura e mantenho afeto e por me fazer descobrir o sentido da Geografia e como esta “serve para fazer a guerra”.

Aos professores Lucia Pralon e Manoel Santana, por terem aceitado o convite de participar da banca e pelas contribuições que me ofereceram no exame qualificação do Mestrado.

Ao corpo docente da UNIRIO, por terem aceitado o meu projeto durante a seleção de ingresso no Mestrado. Aos professores José Damiro, Mônica Peregrino, Adriana Hoffmam, Cláudia Miranda, Lucia Pralon, Maria Auxiliadora, Carmem Irene e Guaracira Gouvêa, por terem oferecido o conhecimento científico e compartilhado de suas pesquisas com as contribuindo para as reflexões na escrita da dissertação.

Aos colegas da turma de Mestrado por estes dois anos de convivência, compartilhando das aflições dos projetos de pesquisas e experiências docentes.

Meu agradecimento especial a Ana Paula, Monise Janice, Gerson, Jamila, pelas contribuições e reflexões nas aulas de seminário, além dos nossos bate-papos nas horas vagas. A Ana Paula pelo companheirismo e parceria nas tentativas de escrita dos artigos científicos e pelo compartilhamento das aflições de nossas pesquisas.

A CAPES pelo auxílio financeiro durante a realização do Mestrado.

Aos funcionários da biblioteca da UNIRIO, pelo atendimento e disposição.

As componentes do grupo de pesquisa “ As imagens nos livros didáticos de Ciências”, coordenado pela professora Lucia Pralon, a quem sou grata pelo acolhimento que tive no grupo e pela ajuda nas discussões sobre a imagem. Sinto falta de nossas reuniões.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Muito obrigada.

*“Habitamos um mundo que vem trocando sua paisagem natural por um cenário criado pelo homem, por onde circulam pessoas, produtos, informações e principalmente imagens. E se temos que conviver diariamente com essa produção infinita, melhor será aprendermos a avaliar essa paisagem, sua função, sua forma e seu conteúdo; e isso requer o uso de nossa sensibilidade estética. Só assim poderemos deixar de ser observadores para nos tornarmos espectadores críticos, participantes e exigentes. Além disso, todos os setores da sociedade procuram pessoas que tenham um certo conhecimento geral do mundo e uma sensibilidade aguçada para entendê-lo” (COSTA, 2004, p. 11- 12).*



## RESUMO

SOUZA, Maria Lucia de. *Paisagem e imagem nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental*. 2016.116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O livro didático é recurso escolar considerado como uma fonte de conhecimento para os alunos e professores. Nos últimos anos esse material vem aprimorando a forma de abordar os conteúdos, com destaque para a quantidade de imagens que apresentam. Sendo assim, torna-se necessário investigar de que forma o conteúdo está sendo transmitido aos nossos educandos, por meio das imagens nele apresentadas. Partindo deste pressuposto, a dissertação apresenta como objetivo analisar o conceito de paisagem veiculado nas imagens dos livros didáticos de Geografia. As imagens no livro didático de Geografia têm um papel importante na compreensão dos conceitos, pois estas apresentam uma grande conotação visual. Acredita-se que a imagem possibilita diferentes leituras e interpretações a partir da observação de diferentes sujeitos. Além disso, há de se ressaltar a sua importância no processo pedagógico, na medida que esta é passível de leitura por manifestar um caráter polissêmico, assim, o conceito de paisagem se aproxima ao da imagem por manifestar a subjetividade de cada indivíduo. A pesquisa foi realizada considerando as coleções de Geografia aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2014 e adotados no 6º ano de ensino fundamental no município de Maricá, localizado no estado do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada no desenvolvimento das análises, baseia-se na análise documental (Cellard, 2008) e na análise de conteúdo (Bardin, 1977). Seguindo a metodologia da análise de conteúdo, a pré-análise decorreu-se na escolha das coleções didáticas de Geografia, por meio de um levantamento com base no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a fim de conhecer quais os livros didáticos de Geografia são utilizados na rede municipal de Maricá. Após este levantamento identificou-se que na rede municipal de Maricá são adotadas seis coleções de vinte e quatro mais distribuídas no último PNLD. O conteúdo analisado nos LDs foram somente as imagens, onde empregou-se a concepção de paisagem proposta por Milton Santos, por ser mais abordada nos livros didáticos de Geografia e para auxiliar na leitura das imagens explorou-se o ponto de vista de Aparici (2006). Nas imagens analisadas, notou-se que nem sempre a paisagem é contemplada em sua diversidade, segundo a perspectiva de Milton Santos que ressaltou a importância de observar e ir além do visível. Neste contexto, verificou-se que as imagens apresentadas nos livros didáticos, pode motivar o aluno a questioná-la a partir de sua própria interpretação, relacionando a paisagem à sua realidade.

Palavras-chave: imagem, paisagem, livro didático de Geografia

## ABSTRACT

SOUZA, Maria Lucia de. Landscapes and images of geography textbooks designed for Elementary Education. 2016. 116 f. Dissertation (Masters in Education) Federal University of the State of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The textbook is school resource considered as a source of knowledge for students and teachers. In recent years this material have improved the way to approach the content, highlighting the number of images they present. Thus, it is necessary to investigate how the content is being transmitted to our students, through the images displayed on it. Under this assumption, the dissertation has to analyze the concept of landscape images conveyed in textbooks of Geography. The images in the textbook of geography play an important role in understanding the concepts because they provide a great visual connotation. It is believed that the image allows for different readings and interpretations from the observation of different subjects. In addition, there to emphasize its importance in the educational process, to the extent that it is readable by expressing a polysemic character, thus the concept of landscape approaches to image by expressing the subjectivity of each individual. The survey was conducted considering the Geography collections approved the Brazilian National Program for Textbooks in 2014 (PNLD) in 2014 and adopted in the 6th year of elementary school in the city of Marica, located in the state of Rio de Janeiro. The methodology used in the development of analysis, is based on document analysis (Cellard, 2008) and content analysis (Bardin, 1977). Following the methodology of content analysis, pre-examination is held in the choice of teaching collections of Geography, through a survey based on the site of the National Fund for Education Development (FNDE) in order to know which books Geography textbooks are used in municipal Marica. After this survey it was found that the municipal Marica are adopted six collections of twenty-four most distributed last PNLD. The content analyzed in LDs were only the images, which were used to design landscape proposed by Milton Santos, to be addressed in textbooks of geography and to assist in reading the images explored the point of view of Aparici (2006). In the analyzed images, it was noted that not always the landscape is covered in its diversity, from the perspective of Milton Santos stressed the importance of observing and go beyond the visible. In this context, it was found that the images presented in textbooks, can motivate the student to question it from their own interpretation, relating the landscape to its reality.

Key-words: image; landscape; geography textbooks

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Etapas da análise de conteúdo .....	57
<b>Figura 2</b> - Capa dos livros das coleções selecionadas .....	59
<b>Figura 3</b> - Apresentação da organização do LDGeo1 .....	61
<b>Figura 4</b> - Chamada de capítulo do LDGeo2 .....	63
<b>Figura 5</b> - Apresentação da estrutura do livro LDGeo3 .....	64
<b>Figura 6</b> - Abertura de Unidade do LDGeo4 .....	66
<b>Figura 7</b> - Apresentação da estrutura do LDGeo5 .....	68
<b>Figura 8</b> - Apresentação da estrutura do LDGeo6 .....	69
<b>Figura 9</b> - Exemplo da imagem livro Expedições Geográficas .....	79
<b>Figura 10</b> - Exemplo 2 do LDGeo1 .....	82
<b>Figura 11</b> - Exemplo de imagens do livro Projeto Teláris .....	85
<b>Figura 12</b> - Exemplo de imagem do livro Projeto Araribá .....	89
<b>Figura 13</b> - Imagem do Livro Projeto Araribá .....	91
<b>Figura 14</b> - Exemplo de imagem do Livro Jornadas Geo .....	93
<b>Figura 15</b> - Exemplo de imagem do livro Geografia, Espaço e Vivência .....	96
<b>Figura 16</b> - Exemplo da imagem do livro Projeto Velear .....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Exemplo de critério de seleção dos livros didáticos de Geografia.....	50
Quadro 2- Livros didáticos de Geografia adotados no município de Maricá referentes ao PNLD de 2014.....	59
Quadro 3- Quantitativo dos tipos de imagens presentes no capítulo do conteúdo: Paisagem .....	71
Quadro 4 -Análise da imagem do LDGeo1 .....	81
Quadro 5- Análise da imagem do LDGeo2 .....	84
Quadro 6- Análise da imagem do LDGeo2 .....	87
Quadro 7- Análise da imagem do LDGeo3 .....	90
Quadro 8- Análise da imagem do LDGeo4 .....	94
Quadro 9- Análise da imagem do LDGeo5 .....	98
Quadro 10- Análise da imagem do LDGeo6 .....	102
Quadro 11 – Relação das imagens das paisagens apresentadas nas coleções analisadas .....	104

## **LISTA DE SIGLAS**

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

LD- Livro didático

LDGeo- Livro didático de Geografia

MEC- Ministério da Educação e Cultura

OAB- Ordem dos Advogados do Brasil

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

PUC- Pontifícia Universidade Católica

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
1 A IMAGEM .....	19
1.1. Considerações sobre o uso e o conceito da imagem .....	19
1.2. Leitura de imagens e a educação .....	27
2 O CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA: A RELAÇÃO COM A IMAGEM	32
2.1. O conceito de paisagem e as diversas contribuições na Geografia .....	32
2.2. A paisagem na Geografia Cultural .....	37
2.3. Milton Santos e a paisagem na Geografia .....	41
3 O LIVRO DIDÁTICO.....	44
3.1. O livro didático de Geografia: algumas considerações .....	48
3.2. Imagem e livro didático .....	52
4.1. Percursos metodológicos.....	55
4.2. A seleção das coleções didáticas de Geografia .....	58
4.3. Escolha e Classificação das imagens.....	70
4.3.1. Imagens em obras de arte .....	71
4.3.2. A fotografia .....	73
4.3.3. Infográfico .....	75
4.3.4. Desenho .....	76
4.4. A codificação das imagens .....	77
4.5. Paisagem e imagem: a análise das imagens nos livros didáticos de Geografia .....	78
CONSIDERAÇÕES.....	106
REFERÊNCIAS.....	110

## INTRODUÇÃO

Desde o início de minha trajetória profissional me deparo com inúmeras questões referentes às práticas pedagógicas que permeiam o processo ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar. Um destes questionamentos é a contribuição da Geografia como disciplina na formação do aluno e como os mesmos a recebem no cotidiano. Aliado a isso, com a preocupação de transportar o que se aprende no meio acadêmico para a sala de aula, indagando-me como aprimorar os conceitos e transformá-los numa linguagem clara e acessível.

Quando comecei a lecionar numa escola particular deparei-me com a realidade em trabalhar num meio em que os alunos as vezes não se percebiam como parte integrante da sociedade, mesmo diante de tantas outras informações que os cercavam que em alguns momentos, os tornavam alienados. Diante dessa observação, procurava trabalhar com recursos audiovisuais, sempre que possível, pois há limitações para utilizar estes meios, devido à escassez de recursos tecnológicos disponíveis.

Uma das questões que instigava -me e persiste até hoje era como as imagens (fotografias e mapas) presentes nos livros didáticos de Geografia estavam sendo transmitidas aos alunos e como eles estariam visualizando os conhecimentos através das imagens que lhes eram apresentadas.

Essa inquietação para mim, passou a ser um objeto de investigação, primeiramente no próprio trabalho com as fotografias em sala de aula, e depois em buscar outras formas de aprimorar as aulas, pois a todo instante os alunos se veem diante de várias imagens em televisões, revistas, internet, etc.

No ano de 2006, ingressei no curso de pós-graduação *latu sensu* da UERJ em Ensino de Geografia, e nas aulas compartilhava as experiências com outros colegas que também tinham dificuldades em várias questões relativas, não só ao ensino da Geografia, como também em outros desafios que permeiam o “universo escolar”. A partir da inquietação citada anteriormente, realizei a minha monografia intitulada: “A imagem como recurso na aula de Geografia”, em que o foco era a importância de se trabalhar com elas em sala de aula de acordo com a opinião dos professores.

Com o ingresso no curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ( UNIRIO )em 2014, ao participar do grupo de pesquisa,

as Imagens de Saúde do Livro Didático de Ciências, coordenado pela professora Lucia Pralon, as reflexões sobre as imagens contribuíram para a definição do meu objeto de pesquisa.

Como professora de Geografia durante esses doze anos, apesar de trabalhar com outros recursos, mesmo que de forma limitada devido à ausência destes, as ilustrações dos livros didáticos me chamam a atenção pelo aperfeiçoamento que adquirem a cada ano, além da quantidade que vem apresentando, principalmente com relação ao conteúdo relativo à paisagem.

Na busca por entender melhor como as imagens auxiliam o aluno no processo ensino-aprendizagem, este trabalho buscou contemplar algumas inquietações surgidas no diálogo com os colegas na sala dos professores, a respeito da apresentação das imagens nos livros didáticos, onde surgiam questionamentos de sua função e de seus usos e as possibilidades de integrar os conteúdos geográficos para favorecer a qualidade da aprendizagem na formação do educando.

A pesquisa em si não contempla tudo o que era refletido nesta trajetória profissional pelo pouco tempo de vigência do Mestrado, mas que poderão ser aprofundados em estudos posteriores.

Esse trabalho discute as imagens no livro didático de Geografia do 6º ano do ensino fundamental considerando o conceito de paisagem, na visão de Milton Santos, a partir de categorias teóricas para análise que serão descritas no decorrer do trabalho. Acredita-se que a imagem possibilita múltiplas leituras a partir da observação e percepção do sujeito.

Atualmente a presença de imagens nas atividades escolares tem se dado com frequência, como um reflexo do cotidiano fora do ambiente escolar, porém não significa que a sua leitura e utilização esteja proporcionando aos alunos condições básicas para sua compreensão.

Durante todo o período escolar, as crianças e jovens se encontram familiarizadas com o mundo da imagem. Com isso, a escola também apresenta vantagem sobre essa familiaridade, pois o período de formação em que estes alunos passam por ela, é repleto de estímulos visuais e esse contato que hoje em dia se faz presente, também pode ser utilizado para auxiliá-lo a decodificar o que está implícito em uma mensagem, neste caso, as imagens que lhes são apresentadas.



Assim, a questão que instigou o desenvolvimento da pesquisa é a seguinte: Como a imagem da paisagem está sendo veiculada nos livros didáticos de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental?

A escolha deste ano de escolaridade se justifica pelo fato dos conteúdos serem explorados com mais amplitude do que nas séries anteriores e, em tese, são ministrados por profissionais com formação específica nas disciplinas, neste caso a Geografia.

Para o desenvolvimento desta dissertação, contaremos com os seguintes objetivos: 1- analisar se conceito de paisagem está demonstrado nas imagens dos livros didáticos de Geografia de 6º ano aprovados no Programa Nacional do Livro Didático do ano de 2014, sob a concepção do geógrafo Milton Santos; 2- verificar se as imagens veiculadas colaboram para que haja uma perspectiva crítica em relação ao conceito de paisagem e 3- identificar quais são as perspectivas de paisagem apresentadas nos livros didáticos de Geografia.

A presente pesquisa será desenvolvida baseada nas inquietações, preocupações e esforço investigativo, na tentativa de contribuição para o debate, bem como espera-se que contribua para novos olhares e reflexões.

A dissertação de mestrado conta com quatro capítulos que estão estruturados conforme a descrição a seguir:

O capítulo 1, *A imagem*, em que será apresentado uma breve discussão sobre as considerações do uso e conceito da imagem, abordando o caráter polissêmico desta, a leitura de imagens na educação e sua importância no processo ensino-aprendizagem. Para tais reflexões, apoiamos nas contribuições de Martine Joly, Jacques Aumont, Lucia Santaella e Winfried Noth, Cristina Costa, Roberto Aparici e Roland Barthes.

O capítulo 2, *O conceito de paisagem na Geografia e a relação com a imagem*, discutiremos brevemente as diversas interpretações do conceito de paisagem na Geografia, na tentativa de aliar a aproximação com a imagem. Para tanto, será utilizada como referência as colaborações de Carl Sauer, Paul Claval, Jean Marc-Besse, e Milton Santos.

O capítulo 3, *O livro didático*, em que será apontado os aspectos gerais sobre o livro didático, a presença da imagem neste material e algumas considerações sobre os livros didáticos de Geografia.

O capítulo 4, *A paisagem e as imagens nos livros didáticos de Geografia*, apresenta o percurso metodológico da pesquisa e as análises das imagens contidas nos livros didáticos selecionados para tal fim, estabelecendo a relação da imagem com a paisagem.

Por último, apresentaremos as considerações finais do que foi desenvolvido durante a dissertação.

## 1 A IMAGEM

Desde o início dos tempos, as imagens constituem um importante veículo de comunicação para a humanidade, antes mesmo da introdução da linguagem escrita. De fato, a imagem possui usos distintos, dos quais podemos destacar sua utilização em diferentes expressões artísticas, como a pintura, o desenho, a fotografia, etc.

A imagem está presente em diferentes situações da nossa vida cotidiana e é relevante que a sua utilização seja discutida na escola, principalmente em relação aos livros didáticos, instrumento no qual ela se revela de modo ostensivo.

No presente capítulo será discutido o conceito de imagem, bem como algumas concepções que envolvem as diversas perspectivas deste conceito. Primeiramente serão apresentadas considerações sobre a utilização da imagem, assim como as discussões referente ao seu conceito e seu uso pedagógico. Por fim, será destacado a leitura de imagens e a educação.

### 1.1. Considerações sobre o uso e o conceito da imagem

As imagens têm sido produzidas por diferentes meios e materiais ao longo do tempo, além de serem símbolos criados pelo homem. Cardoso (2013, p.19) parafraseando Francastel (1993) destacou:

Mais do que nunca os homens comunicam-se entre si pelo olhar. O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis, é uma das chaves do nosso tempo. Para compreender-nos a nós mesmos e para nos expressarmos é necessário que conheçamos a fundo o mecanismo dos signos aos quais recorreremos. (CARDOSO, 2013, p.19)

É importante refletir sobre a imagem num contexto mais abrangente, pois esta, se abordada num caráter unilateral, é capaz de manipular atitudes e opiniões.

Segundo Costa (2005, p.56), a nossa relação com imagens é antiga, já que desde crianças aprendemos a conviver com uma vasta iconografia nos colocando diante de formas de representação de vida. A percepção que um indivíduo tem de uma imagem, está em estreita relação com a maneira que este pode captar a realidade e ao mesmo tempo, também vinculada a sua própria história.

Na compreensão de Val e Ferraz (2009, p. 2), as imagens têm sido o veículo de expressão e comunicação humana desde a pré-história. Como forma de comunicação elas adquiriram dimensões extraordinárias, tanto que permeia a vida cotidiana com mensagens visuais, que norteiam a organização da atividade humana em sociedade.

As imagens cumpriram diferentes funções ao longo da história. Na Antiguidade, ela tinha a função de um ícone na parte mais alta de uma parede, com o objetivo de conduzir o cristão a olhar para o céu. Neste contexto, a contemplação da imagem implicava um caráter de culto, vinculado ao sagrado, ao espiritual.

Katuta (2012, p. 56) citando o trabalho de Ginzburg (2001), explica que na Europa Medieval, o sentimento hegemônico com relação às imagens era de medo e desvalorização, tal fato era evidenciado pela pequena quantidade dessa produção cultural no período. Elas eram entendidas como realidades pálidas e empobrecidas e, sobretudo, como objeto de idolatria do qual os bons cristãos deveriam distanciar-se. Com o passar dos anos, as imagens começaram a ser valorizadas enquanto instrumentos de disseminação, compreensão e rememoração dos escritos bíblicos.

Katuta (2012) ainda destaca que, devido as imagens serem imprescindíveis em certos momentos, muitas vezes, foram valorizadas e idolatradas em determinados momentos históricos e locais, desvalorizadas e mesmo demonizadas em outros. A desvalorização se dava a despeito de sua presença ser remota na vida dos seres humanos, pois estes nem sempre as olharam com bons olhos ou se relacionaram pacificamente com elas.

A medida que a sociedade foi se mercantilizando, e o capital impôs de forma hegemônica a produção e a comercialização de certas imagens, estas passaram a ser importantes.

Conforme Sousa (2007, p.100), para a comunicação de expressões, ideias, sentimentos, informações e experiências, o homem criou imagens que simbolizavam à sua maneira de olhar e apropriar-se, apresentar e representar elementos concretos ou abstratos da realidade, constituindo, dessa forma, um sistema simbólico visual.

O homem sempre teve a intenção de se comunicar com os outros, para isso utilizou-se de diferentes linguagens, manipulando formas, cores, sons, movimentos, texturas, entre outros, e buscou algo mais do que simplesmente suprir necessidades e sua sobrevivência.

A palavra imagem não é fácil de ser definida, por englobar uma multiplicidade e complexidade de sentidos. Isto porque a imagem não é apenas um desenho ou uma fotografia que olhamos num livro ou que acompanha uma notícia de primeira página num jornal, ou o anúncio publicitário. O vocábulo imagem abrange muito mais do que estes exemplos. Pode-se dizer que, definir imagem, exige pensar, e recorrer às nossas memórias e conhecimentos, implica apreciar o mundo e a aparente realidade que nos rodeia.

De acordo com Santaella e Noth (2005, p.15), o mundo das imagens divide-se em dois domínios, primeiro como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas, são objetos materiais que representam o nosso meio visual. O segundo domínio corresponde ao domínio imaterial das imagens na nossa mente, aparecem como visões, imaginações, esquemas, modelos, em geral como representações mentais. Os autores ainda explicam que não há imagens visuais que não surgiram de imagens na mente de quem as elaboraram e que não sejam originadas de objetos visuais. Estes domínios da imagem são inter-relacionados, já que ambos não podem ser tratados em separadamente.

Para Joly (2010, p.13), o termo imagem é muito utilizado, como todos os tipos de significados sem ligação aparentemente, que parece muito difícil apresentar uma definição simples e que abarque todas as maneiras de empregá-la. Apesar dos diversos tipos de significados, nós a compreendemos que, mesmo não se remetendo a algo visível, ela é tomada de uma carga visual e depende da produção do sujeito. Segundo a autora, “ a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece”.

O termo imagem ainda é empregado para falar também das atividades psíquicas, como as representações mentais, por exemplo o sonho (JOLY,2010, p.19). A imagem mental corresponde à impressão que temos quando lemos ou ouvimos à descrição de um lugar, que nos leva a ver como se lá estivéssemos. Essa representação mental é elaborada através das características alucinatórias da visão. Assim, podemos dizer que, a imagem da paisagem também apresenta essa característica, quando ouvimos falar de um lugar que nunca estivemos e logo nos remetemos a ele através de nossa imaginação.

Conforme Aumont (2002, p. 77), convém dar destaque ao órgão da visão, pois esta não é um instrumento neutro e não somente transmite dados, mas ao olhar uma imagem, o espectador pode ampliar a sua capacidade perceptiva. Para o autor, a

produção de imagens não é dada gratuitamente, porque estas são fabricadas para determinados usos, sejam eles individuais ou coletivos.

Com isso, Aumont (2002) questiona o seguinte, para que servem as imagens? As imagens são produzidas de acordo com uma finalidade a que se propõe e geralmente há uma certa vinculação com o domínio simbólico. Elas são grandes transmissoras de mensagem e exercem uma certa influência na compreensão do sujeito, apresentam uma mediação entre o espectador e a realidade.

O sujeito intervém em sua relação com a imagem, pois além de sua capacidade perceptiva, entram em jogo, as crenças, conhecimentos e afetos que fazem parte de determinada história do indivíduo. Para Arnheim (1969, citado por Aumont, 2002, p. 78), a relação da imagem com o real se estabelece através de três maneiras:

- a) Valor de representação: a imagem representa coisas concretas (“de um nível de abstração inferior ao das próprias imagens”);[..]
- b) Valor de símbolo: a imagem simbólica é aquela que representa coisas abstratas (“de um nível de abstração superior ao das próprias imagens”); [..]
- c) Valor de signo: uma imagem serve de signo quando representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela. [..] (AUMONT, 2002, p. 78).

Joly (2010, p. 55) destaca que, tendo em vista que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos, estas carregam em sua constituição uma infinidade de significações. Através delas a definição de uma ideia que se expressa para além dos traços, cores e formas, traz uma significação passível de interpretação a todos que com as mesmas interagem. Tais representações não devem ser naturalizadas sem reflexão, uma vez que “representam como imagens figurativas, traços registrados da própria realidade, fazendo com que se esqueça seu caráter construído e escolhido” (Joly, 2010, p. 93).

Uma das razões atribuídas a produção de imagens, provém da vinculação da imagem com o domínio do simbólico, o que permite que ela esteja em situação de intermediação com o espectador.

Joly (2010) ainda complementa que, a imagem mental se distingue do esquema mental, que reúne traços visuais suficientes e necessários para reconhecer um desenho, uma forma visual qualquer.

Para Val e Ferraz (2009, p. 4), partindo da premissa de que imagens são ícones carregados de significados, absorvemos que o mundo é imagético e nós temos a vida

dirigida por esses textos não verbais que disciplinam, sugerem, mandam, ampliam e organizam a vida em sociedade.

As imagens, cada vez mais, constituem-se como elementos formadores da nossa forma de pensar, sentir e perceber o mundo que nos cerca, ou seja, elas educam o nosso olhar, conforme os significados que atribuímos a elas. Além disso, a comunicação por imagens cria um tipo de expectativa no espectador.

Para Barthes (1990, p. 32), toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros”, assim a polissemia instaura dúvidas sobre o sentido da imagem.

Roland Barthes (1990), também problematizou o fato de estarmos mergulhados no mundo de imagens figurativas e significativas, a fim de observar se é necessário estabelecer uma sensibilização do olhar. Assim, as imagens estão disponíveis ao nosso olhar, portanto, para que esta tenha significação, é preciso que se estabeleça uma mediação, considerando aspectos sobre a presença desta em nossas vidas.

A fotografia é um dos exemplos de representação imagética que mais se aproxima do real; que mesmo tendo essa proximidade, há a modificação do que está sendo fotografado, induzindo a outra conotação.

Como afirma Sardelich (2006, p. 459), as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento, pois elas nos possibilitam conhecer informações acerca de um objeto, lugares e pessoas. Por exemplo, na fotografia de uma paisagem, podemos conhecer vários locais de diferentes realidades.

Para Tonini (2003, p. 36), ao entender que a imagem ensina uma visão de mundo, de valores e quais comportamentos sociais e econômicos são aceitáveis, percebe-se existir um regime de verdades. A imagem, por possuir estoque de verdade, vai moldando, constituindo nossas subjetividades. Ela é precisamente um veículo dos significados e mensagens simbólicas. Ou seja, a imagem é carregada de intenções e significados ideológicos a partir do momento de sua produção.

Ao direcionar nossos olhares para os dias atuais, percebemos uma multiplicidade de imagens, das mais diversas formas, que necessitam de uma melhor abordagem e entendimento da linguagem visual, em seu contexto, independente dos meios ou materiais em que foram produzidas.

Até o século XX, não havia a popularização da imagem. As obras anteriores a esta época se caracterizavam pelo uso da perspectiva<sup>1</sup> na pintura, tanto o desenho como a pintura recorriam a esta técnica como a forma mais precisa de representar a realidade. A veracidade e a credibilidade de uma imagem baseavam-se na utilização da concepção de espaço, que até aquele momento era considerada única e universal.

Segundo Aparici (1998, p. 32), as mudanças tecnológicas determinaram uma transformação da atividade simbólica. As imagens produzidas anteriormente ao avanço tecnológico, não poderiam ser entendidas como entidades isoladas do contexto, e ainda não era possível pensar que uma ela poderia estar em mais de um local de cada vez.

As técnicas de reprodução, sobretudo, a partir da invenção da fotografia e do cinema, possibilitaram novos rumos, tanto na concepção dos criadores como na dos espectadores.

Diferentemente da pintura, do desenho e da escultura, a fotografia e o filme são imagens que foram produzidas a partir de uma relação distinta do homem com o instrumento, que é a câmera. Costa (2005) destaca a distinção entre as imagens clássicas e as imagens técnicas em seu livro *Imagens, Educação e Mídias*:

A diferença entre essas duas categorias de imagens (fotografia e pintura) não é de qualidade ou valor, mas de modo de produção: as primeiras utilizam técnicas mais artesanais, raramente são reproduzidas e estabelecem uma relação mais íntima com o corpo do autor, dependendo mais de sua habilidade física. As imagens técnicas pressupõem a íntima integração de máquinas e recursos extra-humanos, dependem menos das habilidades físicas do autor e admitem processos de reprodução ampla (COSTA, 2005, p. 29).

No século XIX, a disseminação da fotografia na sociedade colocou uma questão às pessoas quanto a morte da pintura e se esta, realmente, mereceria a credibilidade que era inspirada, pois a aceitação desta modificaram as funções de pintor e de desenhista. Com isso, os registros dos acontecimentos eram conseguidos de forma mais rápida e barata.

---

<sup>1</sup> As imagens com perspectiva eram como uma tentativa de tornar o mundo compreensível à poderosa figura que permanecia em pé, no centro da imagem, no único ponto a partir do qual era desenhada. Esse estilo cognitivo perdurou até a fotografia e a videoeletrônica. (SARDELICH, 2006, p. 454)



Portanto, a fotografia, segundo Costa (2005, p. 77), modificou a visualidade do mundo, mostrando a importância do flagrante, do instante, do efêmero e do fugaz na percepção da realidade.

Segundo Santaella (2012, p. 17), as imagens são chamadas de “representações”, porque são criadas e produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem, e também são imagens percebidas, mas distinguem-se das perceptivas, pois neste caso, é a percepção que faz o mundo do visível naturalmente aparecer como imagem, enquanto as representações visuais são artificialmente criadas, necessitando para isso da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e mesmo tecnologias.

Santaella (2012) ainda complementa que, nem sempre a imagem reproduz aspectos daquilo que é naturalmente visível, devido as relações de semelhança que elas mantêm. Por isso, segundo a mesma, há pelo menos três modalidades principais da imagem: as imagens em si mesmas, apresentadas como formas puras, abstratas ou coloridas; as imagens figurativas, que se assemelham a algo existente no mundo, ou supostamente existente, como são as figuras imaginárias, mitológicas, religiosas, etc; e há ainda as imagens simbólicas, que tem como função de representar aquilo além do que os olhos veem.

Embora as imagens apresentem figuras reconhecíveis, essas têm a função de representar significados que vão além do que os olhos veem. A autora conclui dizendo que o simbolismo adiciona camadas de significados que estão por trás das imagens.

Conforme Aparici (2006, p. 43), há imagens que tem o poder simbólico tão grande que nos associa com o seu referente mais imediato. A imagem não produz mensagens universais que podem ser interpretadas por todas as sociedades da mesma maneira. Assim, percebe-se que para cada indivíduo também há a influência de um aparato cultural e ideológico de onde vive.

Robert Stam (1992, p. 31.), citando Bakhtin em seu livro, explicita que em toda parte a linguagem entra nos arranjos hierárquicos de poder. Cada palavra transforma-se na arena onde competem as entonações sociais. Muito mais do que isto, para Bakhtin, já que se trata de linguagem e não de língua, a unidade básica não pode ser o signo, mas o enunciado. Um enunciado não é um signo pela simples razão de que para existir ele exige a presença de um enunciador (quem fala, quem escreve) e de um receptor (quem ouve, quem lê). Assim, um movimento contrário à massificação de imagens, isto é, um deslocamento, seria deixar surgir a memória do outro como força

criadora.

Para Bakhtin (2009, p. 49), a linguagem não permeia somente o campo individual, pois este é construído socialmente, ou seja, qualquer leitura que se realize das imagens, embora parta de uma única pessoa e expresse a sua visão e opinião, foi construída social e historicamente, pois a própria visão do mundo é um processo construído socialmente.

Como afirmado por Bakhtin (2009), tudo o que é dito está implícito por um falante e não pertence somente a ele, pois não é o primeiro a falar sobre o seu discurso, porque não está se falando algo pela primeira vez, já que cada um de nós encontra um mundo e foi articulado e elucidado.

Considerando as imagens como objetos socialmente construídos, que trazem consigo os códigos e os modos de uso característicos da sociedade, o espectador teoricamente conhece e compartilha dessas convenções, de modo que a imagem funciona apenas em proveito de um *hipotético saber* do espectador (AUMONT, 2002, p. 163).

Joly (2010) explica que, a imagem utilizada para fins pedagógicos pode ser uma boa maneira de permitir ao espectador escapar à impressão de manipulação, tão receada por outras razões.

Demonstrar que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou a sua ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos – são algumas das muitas provas de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode implicar. (JOLY, 2010, p. 53)

As imagens são importantes no trabalho pedagógico, principalmente para mobilizar o aluno a realizar interpretações de um determinado assunto, expressando assim os conhecimentos e informações que possui.

Pressupõe-se que a imagem apresenta uma relevância significativa atingindo os objetivos pedagógicos que levam a aprendizagem, promovendo a interação do conhecimento.

De fato, nas últimas décadas, após as profundas transformações decorrentes das inovações técnicas e tecnológicas nos meios de comunicação e informação, os processos perceptivos e as maneiras dos indivíduos se relacionarem com seu

ambiente passaram por modificações, sendo notório nas novas gerações.

Com o advento das novas tecnologias, a imagem tornou-se mais popular, assumindo não somente um caráter ilustrativo, mas também um papel de comunicadora. Por isso a importância de se ensinar a ler imagens e é esse tema que abordaremos nesse próximo item.

## 1.2. Leitura de imagens e a educação

Apesar da proliferação de imagens existentes no nosso cotidiano, elas necessitam de uma melhor abordagem no que diz respeito a compreensão desta, principalmente em relação àquelas que estão apresentadas no livro didático, que é o nosso objeto de estudo.

Em virtude do crescente interesse pelo visual, muitos historiadores, antropólogos, sociólogos e educadores resolveram discutir sobre as imagens e sobre a necessidade de uma alfabetização visual, que se expressa em diferentes designações, como leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2006, p. 452). O surgimento do termo leitura de imagens, surgiu na década de 1970 com as áreas de comunicação e arte, com a expansão dos sistemas audiovisuais. Essa tendência foi fundamentada na teoria da Gestalt,<sup>2</sup> e da semiótica<sup>3</sup>.

A imagem, é objeto de constantes leituras, nos quais estas vão se diversificando com o passar do tempo. As práticas de leituras associadas a elas, podem retratar lugares, momentos, memórias entre outros. Manguel (2009) em seu livro, *Ler Imagem*, ressalta que quando lemos imagens, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal de narrativa.

---

<sup>2</sup> Considera-se o precursor da teoria da Gestalt, o filósofo vienense Von Ehrenfels no final do século XIX. O movimento gestáltico surgiu no período entre 1930 e 1940.

De acordo com Bock (2001, p. 59), os gestaltistas estavam preocupados em compreender quais os processos psicológicos são envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito de uma maneira diferente da que o mesmo tem na realidade.

Conforme Aparici (1998, p. 17), para a Gestalt, a percepção tende a complementar os elementos da imagem que podem dar definição, simetria, continuidade, unificação e forma.

<sup>3</sup> A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 2002, p. 13).

É importante ressaltar que a leitura de imagens permite ao indivíduo, por meio da criação de sua própria história, relatar as vivências e experiências que já possui de leitura, e refletir sua vida na sociedade.

Na explicação de Santaella (2012, p.12), a leitura de uma imagem difere de ler uma palavra, pois no processo de alfabetização visual, a imagem deveria ser desmembrada parte por parte como se fosse um escrito, ou seja, ler em voz alta, decodificá-la, como se decifra um código e traduzi-la. A autora também explicita que, a alfabetização visual ressignificada, implica aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada tem a ver com ela.

Para adquirir os conhecimentos que correspondam a imagem, precisa-se desenvolver a sensibilidade e saber como se apresentam, o que indicam, o contexto a que se refere e quais os modos específicos de representar a realidade.

Reconhecemos que esta tarefa não é fácil, uma vez que, não somos acostumados ao exercício de decodificação da imagem, pois além disso, há algumas questões que o indivíduo tem impregnado na sua mente, resultante do seu modo cultural e social.

Kellner (1995, p. 109), ao abordar o impacto massivo da imagem no cotidiano, diz que precisamos aprender a ler imagens, pois elas funcionam como formas culturais fascinantes. Para ele, a educação deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens.

Kellner (1995) ainda explica que, ler imagens criticamente, implica aprender como apreciar, decodificar, e interpretar imagens, analisando tanto a forma de construção e como operam em nossas vidas, quanto ao conteúdo que elas comunicam em situações concretas.

Entendemos que, a necessidade da leitura de imagens na educação pode fazer com que o aluno compreenda melhor as informações e significados presentes na linguagem visual, podendo gerar diferentes interpretações, além de outros significados que podem ser divergentes de acordo com o contexto em que foram elaboradas.

Para Pralon (2011, p. 81), as relações humanas são estabelecidas através de canais de comunicação e a linguagem é um desses canais. A autora explica que, todo

sistema de significação se utiliza de um sistema de representações sígnicas verbais, gráficas, icônicas, gestuais ou sonoras, que requerem uma aprendizagem intencional para sua aquisição.

Conforme afirmado por Araújo e Oliveira (2012, p. 94), a leitura de imagens, está relacionada diretamente ao estudo do alfabetismo visual, nos colocando em busca não apenas da compreensão e comunicação de informações ou ideias, mas também, da codificação e decodificação de elementos figurativos presentes nas imagens, fundamental para o ato de se comunicar visualmente em nossa sociedade.

Na compreensão de Sousa (2007, p.103), as imagens não são somente uma reprodução da realidade, mas uma representação carregada do olhar de quem a construiu. As imagens podem ser lidas, não somente pela decifração dos códigos da gramática visual (linhas, cores, formas, texturas), mas por meio da subjetividade, o que lhes dá um sentido singular e plural ao mesmo tempo.

Costumamos não ter muita habilidade para a leitura das imagens, o contato com outras formas de ler o mundo pode ser um elemento instigador e motivador que, muitas vezes, falta tanto nos professores quanto nos alunos.

Compreendemos que, ao ler uma imagem, podemos estudá-la na prática da linguagem e na interação com o outro; sob o ponto de vista da leitura como uma ação que incentiva o “diálogo” com a imagem, na qual a personalidade, a expressão individual e a subjetividade são consideradas numa dimensão partilhada e social.

Aparici (1998, p. 51) ao conceber a imagem como a ilusão do real, entende que em todo o caso da imagem (visual, audiovisual e sonora) vai ser sempre uma manipulação da realidade, pois nunca a experiência direta pode ser comparada com a imagem que toma como modelo a realidade.

Aparici (1998) afirma que, a medida que o objeto representado mostra maior coincidência com a realidade, dizemos que tem alto grau de iconicidade. A fotografia possui maior grau de iconicidade do que um desenho, porque reproduz a realidade com maior exatidão.

Portanto, nas explicações de Aparici (1998), o conhecimento de um objeto não está determinado somente pelas sensações visuais, auditivas, olfativas, mas existe uma forma particular (individual/social) de conhecê-lo. As formas de conectarmos as emoções em direção a um objeto, determinam em boa medida nossa carga de valor em direção ao mundo.

Segundo Aparici (2006, p.102), para ler imagens, devemos ter presente o nível denotativo e o conotativo. O nível denotativo ou objetivo se refere a uma enumeração e descrição dos objetos, coisas e pessoas no contexto e localização espacial. Deve-se prestar atenção a elementos como luz e cores. O autor complementa que, é conveniente analisar o nível de originalidade, complexidade e iconicidade que tem uma imagem.

Já o nível conotativo ou subjetivo, permite analisar as mensagens ocultas subjacentes e de que maneira aparece disfarçada a informação, ou seja, contextualizando a imagem.

Atualmente, a organização dos sistemas simbólicos da imagem se encontram cada vez mais complexos, pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas. Para Gouvêa; Martins e Izquierdo (2006, p. 2):

Uma das questões que se coloca nos estudos das imagens é como se estabelecem ou não relações entre os códigos verbal e visual. Para alguns autores, para se falar de imagens, utiliza-se o código verbal e este não se desenvolve sem imagens. Assim, estuda-se imagem como representações visuais – signos e como representações mentais, ambas indissociáveis. Dentro dessa perspectiva surgem diversos estudos desde o próprio conceito de representação, à função cognitiva da imagem, ao contexto linguístico, à semiótica da imagem e suas manifestações em diferentes mídias e à leitura de imagens (GOUVÊA; MARTINS; IZQUIERDO 2006, p.2).

Quando se interpreta uma imagem, podemos entender o significado que ela ocasiona numa determinada circunstância, tempo e espaço, estabelecendo conexões com outros eventos e objetos da vida. Dessa forma, a leitura da imagem adquire uma função educativa.

Ao ler uma imagem, o aluno pode ser sensibilizado para o fato de que é também um destinatário da mensagem, que muitas vezes, impõe valores, ideias, crenças e comportamentos.

O uso da leitura de imagens no processo pedagógico, não é restrito somente à uma única disciplina, esta pode ser trabalhada como forma de divulgação do conhecimento de qualquer conteúdo. Por isso, é necessário que esta seja considerada nos múltiplos aspectos que envolvem o processo pedagógico, principalmente quanto as imagens que são veiculadas na escola, em nosso caso, os livros didáticos de Geografia.

Pode-se dizer que, a linguagem visual é econômica, por apresentar a função de criar ícones, cuja percepção se dá de forma imediata e global, em que a informação geralmente acontece no primeiro olhar, estabelecendo assim um nível ideal de comunicação. Mesmo que um indivíduo não obtenha o conhecimento do código escrito, ele será capaz de ler uma imagem, uma figura. Temos como exemplo real deste fato os antigos moradores de sítios, que mesmo desprovidos de equipamentos avançados aprenderam a fazer a previsão do tempo, os índios se comunicam muitas vezes pela dança, pela pintura em seus corpos e as placas de sinalização de trânsito nas cidades.

Podemos inferir que, a leitura que o aluno faz da imagem auxilia na construção da imaginação e da memória, interferindo no modo de ver a realidade. O comportamento social atual nos mostra que a nossa sociedade está pautada em imagens. Essas imagens que chegam a nós das mais variadas formas são exercícios de dominação, que sugerem sempre o saciamento imediato das emoções.

No próximo capítulo iremos abordar o conceito de paisagem e as diversas interpretações nas diferentes correntes geográficas.

## **2 O CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA: A RELAÇÃO COM A IMAGEM**

Cavalcanti (2013, p. 96) destaca que, o conceito de paisagem é tradicionalmente enfatizado na Geografia pela característica desta ciência que é buscar definir seu objeto de estudo nos fenômenos e aspectos que contribuem para modelagem, organização e alteração material do espaço.

Neste capítulo será abordado o conceito de paisagem na Geografia e as diferentes contribuições por autores como Claval (2012), Sauer (2012), Besse (2006) e Santos (2014). Como a pesquisa trata das imagens da paisagem contidas no livro didático de Geografia do 6º ano Ensino Fundamental, é importante a compreensão dessa categoria, através das diversas contribuições conceituais que foram construídas ao longo do tempo.

### **2.1. O conceito de paisagem e as diversas contribuições na Geografia**

Apesar do conceito de paisagem não ser específico da ciência geográfica, ele tornou-se um elemento de suma importância nas discussões deste campo de estudo.

O conceito de paisagem sofreu algumas interpretações pelas diferentes correntes geográficas, pois resulta de uma combinação de múltiplos fatores que nos obriga-nos a olhar para as várias direções que possam auxiliar na compreensão de sua natureza e significado.

Small e Witherick (1992, p.21) apresentam no dicionário de Geografia de sua autoria a seguinte definição:

Termo usado para descrever o “aspecto” global de uma área. A paisagem física refere-se os efeitos combinados das formas do terreno, vegetação “natural”, solos, rios, e lagos, enquanto a paisagem cultural (ou humana) inclui todas as modificações feitas pelo homem (vegetação “cultivada”, comunicações, povoações, minas a céu aberto, pedreiras, etc) (SMALL; WITHERICK 1992, p .21).

Há dois aspectos que merecem destaque na definição de Small e Witherick (1992): o primeiro remete-se a um detalhamento da área; o segundo aspecto é a referência entre os tipos de paisagem (natural e cultural) numa concepção tradicional,



ainda muito presente nos livros didáticos.

Melo (2001, p. 29) explica que, o conceito de paisagem é um dos mais antigos da Geografia, a ponto de nas abordagens mais remotas, os geógrafos afirmarem ser a Geografia a “ciência das paisagens”.

Como afirmado por Christofolletti (1982, p. 20), a plausibilidade das explicações sugeridas era automaticamente considerada como confirmando a própria realidade, pois a explicação baseada na observação visual era entendida como objetiva e partindo do concreto.

Maximiano (2004, p. 87) ressalta que, entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. As escolas alemã e francesa, que influenciaram a Geografia brasileira, enfatizam aspectos diferentes da paisagem. A geografia alemã apresenta herança naturalista desde a época de Humboldt, enquanto que a escola francesa desenvolveu observações quanto à região, que foram construídas pelas culturas e sociedades em cada espaço natural.

Verdum (2012, p.15) aponta que, no início da elaboração da paisagem como referencial de expressão artística e de análise das relações entre a sociedade e natureza, duas construções lógicas são apresentadas na sua definição. O primeiro como *imagem* que representa a vista de um recorte espacial, expressa na arte produzida a partir do século XVII, com significado subjetivo, na busca de expressar os elementos associados à natureza e a vida do cotidiano. A segunda construção seria como a *porção da superfície terrestre*, em seu conjunto, sendo o produto de uma área modificada pelas forças geológicas/ geomorfológicas, com significado objetivo na busca de compreender a origem da forma, da estrutura e da funcionalidade associadas a um número específico da natureza.

Os geógrafos passaram a analisar os elementos que compõem a paisagem, em função da forma e da relevância, a fim de obter uma classificação das paisagens. “A partir do século XIX, quando a Geografia constrói seu referencial como ciência, a paisagem é concebida como o conjunto de formas que caracterizam determinado setor da superfície terrestre.” (VERDUM, 2012, p.16)

Verdum (2012) explica que as questões e dúvidas desta maneira de conceber a paisagem, surgem pelas dificuldades de se abordar as *heterogeneidades* e *homogeneidades* em relação à escala e pela complexidade das formas da superfície

terrestre.

Puntel (2012, p. 23) parafraseando Figueró (1998), explicita que a difusão da ideia da paisagem dentro da Geografia pode ser atribuída a Alexandre Von Humboldt<sup>4</sup> (1769-1859), que estudou a estrutura da superfície terrestre através de inúmeras viagens. Para Humboldt, a Geografia era entendida como parte terrestre da ciência do Cosmos, isto é, uma síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra. Na compreensão de Humboldt, o geógrafo deveria contemplar a paisagem de forma estética, visto que assim causaria uma impressão em quem a observasse.

Nas suas viagens do século XVIII, Humboldt valorizava a observação direta e a descrição de detalhes da natureza, além da preocupação em fazer comparações e raciocínios gerais e evolutivos.

Puntel (2012) em sua dissertação de mestrado, explicita que toda paisagem apresenta característica própria, tem forma e marca que resultam da interação da sociedade com a natureza. A visão fisionômica da paisagem é a primeira aproximação da realidade, é a aparência e cada paisagem cumpre uma função de acordo com as condições próprias do lugar, seja ela estética, política, estratégica, econômica, cultural, histórica, para permitir determinada organização e funcionalidade.

Para Besse (2006, p. 62), a paisagem como noção estética assume a desarticulação “moderna” das diferentes funções da razão (conhecimento, julgamento moral, julgamento estético). Assim, toda tentativa de reconciliar a estética com os outros setores do pensamento humano é denunciada como *arcaica*, ou mesmo *reacionária*, pois estar-se-ia retornando ao período medieval. Contudo, o mesmo autor afirma que, desde o século XVII, esta ruptura (estética *versus* outros setores do pensamento) tem sido contestada e nunca se impôs sem dificuldade. A origem dessa *resistência* está justamente na relação da Geografia com a pintura, que existiu desde antes do século XVI.

No século XIX, os geógrafos estavam atentos à diversidade apresentada pela paisagem, com o objetivo de fazer com que os leitores a descobrissem, com isso os progressos da litografia e da fotografia auxiliaram nessa tarefa. Por volta de 1900, já se dispunham-se de meios mais eficazes para propor imagens artísticas mais sugestivas das regiões que descreviam.

---

<sup>4</sup> Humboldt foi naturalista alemão, com grande parte de sua formação francesa, que retratou em sua obra uma tentativa de conciliação entre duas concepções metodológicas distintas: a francesa e a alemã.

Várias correntes teóricas surgiram no século XX, algumas com novas abordagens e que procuravam romper com as teorias ditas “tradicionais”, enquanto outras apenas esmiuçavam complementar as antigas abordagens revendo conceitos e métodos novos.

Em Salvio (2008, p. 9) são destacadas as correntes geográficas que influenciaram a concepção de paisagem:

**1-** A Geografia Teorética/Pragmática, surgida no Brasil nas décadas de 60/70; em que seus métodos de análise utilizam modelos matemáticos e criação de padrões e modelos (estatística), os quais seriam representações das estruturas fundamentais da organização da paisagem. A paisagem passa a ser entendida como algo resultante da integração entre os aspectos físicos da paisagem e o uso que o homem faz deste espaço, mas ainda com um permanente viés positivista e também com traços ora marcados pelo determinismo, ora pelo possibilismo.

**2-** A Geografia da Percepção surge concomitante à Geografia Teorética, porém com objetivos muito distintos. Enquanto a Nova Geografia faz uso de modelos estatísticos para definições e estudos de áreas dentro de uma “análise regional” pautada principalmente em aptidões econômicas e fluxos migratórios, a Geografia da Percepção busca entender como os homens se apropriam do espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço. Assim, a Geografia da Percepção estaria preocupada com uma valorização subjetiva do território, em que as características individuais, e não coletivas, são valorizadas na avaliação. A paisagem aí passa a ser entendida como algo que contemple a percepção e a ação de atores subjetivos no meio.

**3-** A chamada Geografia Crítica, surgida na década de 80, nasce em resposta à Nova Geografia, e diz ser o espaço, e não a paisagem, o objeto desta ciência. Porém, a crítica não é somente a uma corrente teórica precedente, mas à ordem constituída. Esta linha teórica, de influência marxista, é considerada como uma “Geografia da Denúncia”, pois encara o embate dos problemas de cunho social, que são resultantes de uma perversa lógica inerente ao sistema econômico dominante. Diante desta concepção, não seria a paisagem o objeto da Geografia, mas sim o espaço e a maneira como ele se constitui ou é constituído. Neste sentido, o espaço representa o lugar onde o homem se estabelece e estabelece suas atividades, e só existe se cumprir funções sociais que façam sentido dentro da lógica político-econômica na qual vivemos (SALVIO,2008, p. 9).

De acordo com Britto e Ferreira (2011, p. 1), é na Geografia Tradicional (1870-1950), que o conceito de paisagem tornou-se privilegiado conjuntamente com o de região, circundando em torno deles a discussão sobre o objeto da Geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. A partir deste momento, os debates

incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas.

No decorrer da década de 1950, a Geografia Teórica-Quantitativa, sofreu transformações em sua maneira epistemológica, fundamentando-se nas ciências da natureza, principalmente a Física. O raciocínio hipotético-dedutivo e os modelos matemáticos com suas quantificações eram formulados similarmente aos das ciências naturais.

Na década de 1970, numa visão crítica, houve um grande debate entre os geógrafos acerca de uma nova visão da concepção de paisagem, agora vista de uma forma mais global. Nessa fase, a Geografia passa a ser reconhecida como ciência social e/ou uma ciência espacial, fato que reduz a importância do conceito de paisagem e promove o conceito de espaço, que adquiriu uma posição de conceito-chave.

Começou a ganhar atenção a análise da paisagem de forma mais integrada, propondo o estudo geossistêmico<sup>5</sup>.

Verdum (2012, p.17) apresenta em seu artigo um outro método de estudo na análise da paisagem. Para o autor, podem ser adotadas três possibilidades de encaminhamento: a descritiva, a sistêmica e a perceptiva, que serão descritas a seguir:

- 1.** A paisagem descritiva se baseia na descrição, para a apreensão da paisagem seriam fundamentais a enumeração de elementos presentes e a discussão de formas. A análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real, a morfologia da paisagem;
- 2.** A paisagem sistêmica propõe o estudo da combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, uma interface entre o natural e o social, sendo uma análise de várias dimensões [...] a complexidade da paisagem é o tempo morfológico (forma), constitucional (estrutura) e a funcionalidade, que não pode ser reduzida em partes;
- 3.** A paisagem perceptiva é concebida como uma marca, que pode e deve ser descritiva e inventariada, e como uma matriz porque participa de esquemas de percepção, concepção e ação que canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. Isto é,

---

<sup>5</sup> Na visão de Sotchava (1977) citado por Rosolém e Archela (2010, p. 3), o geossistema consiste no resultado da combinação de fatores geológicos, climáticos, geomorfológicos, hidrológicos e pedológicos associados a certo (s) tipo(s) de exploração biológica. Tal associação expressa a relação entre o potencial ecológico e a exploração biológica e o modo como esses variam no espaço e no tempo.

cada um percebe e constrói seus conceitos usando a imaginação de uma paisagem de forma diferente, pois depende da trajetória do indivíduo e de sua experiência. (VERDUM, 2012, p. 17)

Podemos observar que há diversas maneiras de interpretar o espaço geográfico a partir da paisagem. Isto demonstra que a paisagem pode ser pensada a partir de diferentes métodos de análise.

## 2.2. A paisagem na Geografia Cultural

Conforme Santos e Chiapetti (2014, p. 69), o geógrafo americano Carl O. Sauer é considerado o maior representante da Geografia Cultural, pela ampla difusão do conceito de paisagem a partir da década de 1920. Sauer faz uma distinção no conceito de paisagem, usando o critério das formas, no caso natural e cultural, onde a paisagem natural é aquela que ainda não foi modificada pelo homem e a paisagem cultural é aquela em que o homem introduziu formas.

Nessa perspectiva de abordagem, era privilegiada a análise morfológica da paisagem, sendo a cultura apreendida através da análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, dos aspectos materiais, utilizado pelo homem de forma a modificar o ambiente natural visando a torná-lo mais produtivo.

Sauer (2012, p.188) afirma que toda paisagem apresenta uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens, e isso também é verdadeiro em relação às formas que a compõem. Nenhum vale é exatamente igual a outro, assim como nenhuma cidade exprime uma réplica exata de outra cidade.

Segundo Claval (2012, p.245) o termo paisagem surgiu no século XV, nos Países Baixos, sob a forma de *landskip*<sup>6</sup>, aplicando aos quadros que apresentavam pedaço da natureza, tal como a percebemos a partir de um enquadramento, por exemplo, uma janela. Neste sentido, a visualidade sempre foi importante para o geógrafo, uma vez que o homem projeta o seu olhar sobre o ambiente. Seguidamente

---

<sup>6</sup> Holzer (1999, p.152) citado por Casquillo e Azevedo (2013) reitera que: a palavra alemã 'Landschaft' se refere a uma associação entre sítio e os seus habitantes, ou se referirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de 'Land schaffen', ou seja, criar a terra, produzir a terra. Esta palavra transmutada em 'landscape' com o sentido de formatar (land shape) a terra, implica numa associação das formas físicas e culturais".

o autor afirma que o surgimento da paisagem como pintura se constitui como uma das consequências da revolução introduzido pelo uso da perspectiva.

De início, só se sabia criar a ilusão de profundidade construindo rigorosamente as linhas de fuga. O método não é bem aplicado, uma vez que tudo aquilo que se vê são bosques, colinas, rios, lagos: não existem as linhas retas. Aos poucos é colocada a perspectiva atmosférica, que influi nas cores mais claras e mais vaporosas daquilo que está distante. Durante muito tempo um gênero menor, a paisagem torna-se uma das formas essenciais da arte pictural no século XVII- imagina-se que em função do impacto dos quadros de Claude Lorrain por toda Europa, e especialmente na Inglaterra (CLAVAL, 2012, p. 246).

Assim, observava-se que a pintura tinha o objetivo de reproduzir um fragmento da natureza, mas o ponto de observação e o enquadramento resultavam de uma escolha, ou seja, existia uma dimensão subjetiva que embasava a representação da paisagem de acordo com a concepção histórica da época. A importância da visualidade na paisagem ainda é destacada por Claval (2012, p. 249) em seus estudos geográficos:

O olhar que os homens projetam sobre o ambiente obteve a atenção dos geógrafos uma vez que é ele que permite estruturar o espaço, opor o próximo ao distante, distinguir planos escalonares e perceber a realidade em múltiplas escalas- é sobre esta propriedade que se baseia toda orientação geográfica. (CLAVAL, 2012, p.249)

Portanto, a imagem sempre exerceu um papel significativo na ciência geográfica, visto que esta também é produto das transformações sociais e, portanto, configura-se em técnicas, valores, tradições, gestos e crenças de cada sociedade.

Para Sauer (2012, p.189), na seleção das características genéricas da paisagem, o geógrafo tende a ser guiado pelo próprio julgamento de que elas são repetitivas e que estão organizadas segundo um padrão, pertencentes a um grupo específico. O autor referencia Croce (1921) destacando que o “critério é a própria escolha, condicionada pelo conhecimento da situação real e que a seleção é sem dúvida, conduzida pela inteligência, mas não com a aplicação de um critério filosófico, e só é justificada por ela mesma”.

Em seu trabalho, Maximiano (2004, p. 83-84) ressalta que antes dos pintores e seus respectivos quadros, a arte da construção de jardins foi de grande importância para o tratamento da paisagem por muito tempo na Europa, e em países do Oriente



como a China. Nos séculos XV e XVI, o antropomorfismo fazia parte das representações paisagísticas no Ocidente, enquanto que no Oriente a natureza era marcada pelo cosmoctrismo. Isso nos leva a refletir o porquê da diferença de abordagens da paisagem numa mesma época.

De acordo com Maximiano (2004), isso acontece devido ao fato da influência da cultura, pois na Antiguidade Oriental a natureza e os aspectos culturais sempre estiveram lado a lado em função da reflexão do vivido, enquanto na Europa, o homem se achava em um estágio superior ao da natureza, a qual não era vista como um organismo vivo, e sim representativo e passível de descrições.

Uma outra forma de influência das pinturas na paisagem, é destacada por Barros (2007, p 15-16):

Uma outra contribuição, se não uma das maiores foi a dos pintores renascentistas. Foi através deles que a noção de paisagem se disseminou pelo mundo. As pessoas compravam quadros que retratavam paisagens de certos lugares. Esses quadros retratavam geralmente apenas as formas agradáveis, ou seja, aquelas idealizadas pela classe dominante, o que mais tarde foi denominada de Paisagem das classes dominantes, em detrimento das mazelas socioeconômicas que assolavam a Europa durante o renascimento (centro comercial e cultural do mundo) (BARROS,2007, p.15-16).

As pinturas renascentistas modificaram a forma do homem se relacionar com a natureza, isto por sua vez também vai influenciá-lo através de uma nova visão, na forma de representar a paisagem. Também representou um grande momento de valorização do ser humano e da natureza.

Assim, alguns geógrafos definiam a disciplina como uma “ciência da paisagem ou das paisagens”, inicia-se a divisão entre os domínios físico e humano, e o olhar é mais evidenciado. A paisagem descrita pelos geógrafos diferenciava da paisagem dos pintores pela multiplicidade dos pontos de vista, nas viagens de Humboldt.

A paisagem do geógrafo resultava da reconstrução sistemática daquilo que os pontos de vista sucessivos haviam permitido descobrir, mas continuava suficientemente próxima do olhar do pintor para que sua descrição falasse da harmonia das formas e cores (CLAVAL, 2012, p. 250).

Claval (2012) ainda explicita que, desde o momento em que a paisagem é compreendida como um elo entre atmosfera e litosfera/hidrosfera, ou entre a cultura e natureza, a inspiração de converter os resultados em mapa é tentadora. Neste

contexto, a paisagem é cartografável e a visão do geógrafo deixa de ser horizontal e se torna oblíqua, os grandes conjuntos da natureza e a percepção dos contrastes de uma área a outra são interpretados ao comparar os diferentes elementos da paisagem. Surgem novos usos do termo paisagem:

A paisagem rural aparece como uma combinação concreta na qual um grande número de fatos intervém: o habitat, as parcelas de terras, os caminhos, etc. Esses elementos revelam uma organização do espaço rural: assim, o habitat pode se dispersar sobre o conjunto das parcelas, ou, ao contrário, concentrar-se no centro do território (finage); cada parcela pode se comunicar com o conjunto de parcelas ou, ao contrário, encerrar-se em cercas (FÉNELON, 1970 citado por CLAVAL, 2012, p. 251).

A partir do século XIX, o geógrafo começou a multiplicar os pontos de vista, permitindo que se realize a leitura da paisagem, utilizando a observação direta através das fotografias aéreas, documentos cadastrais, etc.

Desde então, há um olhar racional do mundo legitimado pela ciência a partir de pressupostos ideológicos e filosóficos originados nas sociedades urbano-industriais e, assim, estabelece seu ponto de vista como um conjunto de verdades. (TARTAGLIA, 2015, p. 28).

Besse (2006) relaciona a maneira de compreender o mundo através da centralidade de olhar, pois isso implica em tornar periférico a esse mesmo olhar outros modos de ver, interpretar, narrar e pensar o mundo. Ocultam-se outras interpretações de mundo e, por conseguinte, de seus sujeitos e suas culturas.

Estamos aqui diante de outra relação com o visível, diante de outra noção do visível. O visível conta algo, uma história, ele é a manifestação de uma realidade da qual ele é, por assim dizer, a superfície. A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. (BESSE, 2006, p. 63).

No entanto, a visualidade é a capacidade de ver o mundo, seus objetos, seu arranjo e localização, suas dinâmicas e fenômenos. A visualidade é aquilo que, no âmbito da paisagem, esteticamente, estabelece-se diante do campo de visão e constitui-se no modo de ver as coisas, definindo a identidade do próprio observador. No entanto, a visualidade não é algo estático, pois permite várias maneiras de



interpretar e atribuir significados ao mundo e as coisas a partir de diferentes pontos de visualização.

Nesse breve histórico, ficou evidenciado que o conceito de paisagem nas duas primeiras décadas do século XX estava atrelado à herança do naturalismo e, logo em seguida, abriu-se espaço para uma reflexão mais abrangente e científica do termo, destacando-se os aspectos fisionômicos da paisagem sem ter uma definição mais integradora e abrangente dos sistemas físicos e sociais.

Apesar de todo processo de remodelação, as correntes teóricas da Geografia, dificilmente conseguiram romper completamente com as correntes antecessoras. Embora seja clara uma possível crítica das escolas ditas modernas a suas antecessoras, a verdade é que as novas concepções teóricas que surgiram, não extinguíram definitivamente com as antigas premissas.

Percebe-se, então, que não existe um método geográfico único que sirva ao estudo, em todos os níveis, da paisagem, pois sua complexidade torna impossível qualquer análise geográfica sob a luz de uma única abordagem.

### **2.3. Milton Santos e a paisagem na Geografia**

A concepção de paisagem do pesquisador Milton Santos é bem utilizada nos livros didáticos, sendo assim, é importante destacar a sua contribuição no ensino da Geografia, por tratar-se de um autor renomado na área, reconhecido por trabalhar dentro de uma perspectiva crítica incorporando o materialismo histórico e dialético em sua análise.

Segundo Santos (2014, p. 67), a paisagem é definida como tudo aquilo que vemos, o que a nossa visão alcança, esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Para o autor, a paisagem também é formada de volumes, cores, movimentos, odores, etc.; tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Milton Santos (2006, p. 67) admitiu que, a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento

atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanando de sociedades sucessivas, mas somente as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual.

Concordando com Milton Santos, a paisagem se expressa em formas visuais que precisam ser interpretadas em suas múltiplas relações. É nesta perspectiva que a linguagem visual, tomada em sentido mais amplo que o do recurso, pode estimular associações, relações, conexões, para interpretação do espaço, portanto:

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho e das técnicas (...) suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas de idades diferentes, pedaços de tempos (SANTOS, 2014, p. 74).

As modificações na paisagem acontecem continuamente, porque o trabalho humano torna-se complexo e exige que se adapte às inovações, por meio das técnicas as formas de trabalho são substituídas por outras.

Milton Santos (2014) afirma que a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos, por isso o aparelho cognitivo assume uma função crucial, isto é, tem de ser vista além das aparências, buscando explicações no que está oculto, aliás, a percepção depende da interpretação de cada indivíduo. “Nossa educação formal ou informal é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato” (Santos, 2014, p. 89).

Se o arranjo de formas, cores, linhas, texturas e escalas são objetos do mundo apreendidos de imediato pelos nossos olhos, é preciso ter clareza que esses elementos podem assumir diferentes sentidos segundo o “modo de olhar”. Assim, é possível que se pense a paisagem como mediação entre o mundo das coisas e a subjetividade, pois não se trata de um horizonte fixo e estável, mas construído de movimentos, valores e sentimentos.

Milton Santos (2014, p. 72) destaca a existência de uma relação entre a configuração da paisagem e a produção, já que para cada tipo de forma há um instrumento de trabalho específico capaz de produzi-la. Aliam-se à produção formas específicas de circulação, distribuição e consumo. Santos ressalta, além da técnica, a importância das condições econômicas, políticas e culturais ao estudarmos a

paisagem, já que ela “não tem existência histórica fora das relações sociais”.

Assim, cada momento histórico e os modos de fazer apresentam diferenças, o trabalho humano se transforma e torna-se mais complexo segundo as inovações, exigindo mudanças.

Serpa (2010, p.133) concorda com Santos em seu trabalho entendendo que a paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é una sem ser totalizante, é composta, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade.

Conforme Serpa (2010), a questão é que Milton Santos esvazia o conceito de paisagem em prol de uma valorização do espaço. A paisagem é possível de ser abarcada com a visão, destituída da sociedade, possuidora de um caráter histórico em suas distintas materialidades presentes. Nas palavras do autor, as contradições se realizam na dialética entre espaço e sociedade.

Pode-se observar que Milton Santos atribui à paisagem a dimensão da percepção e dos sentidos, assim como a imagem, revelando o caráter polissêmico que adquire, dependendo do ângulo de visão de cada um e de acordo com a atuação do indivíduo na sociedade.

Enfim, a interpretação da paisagem, em suas múltiplas possibilidades e enfoques, permite um olhar que integra diversos aspectos sobre a relação homem-natureza pois esta também é resultado de uma acumulação de tempos.

Concluída esta reflexão, por constituir o material empírico da pesquisa, iniciaremos o próximo capítulo abordando breves considerações sobre o livro didático de Geografia e a presença das imagens.

### 3 O LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos (LD) são conhecidos e utilizados na escola por reunir os conhecimentos elaborados pela humanidade ao longo do tempo, reproduzindo conteúdos instituídos por um currículo oficial para serem ensinados nas escolas, e muitas vezes é o único contato do educando com o conhecimento científico. Por isso, torna-se necessário investigar de que forma o seu conteúdo está sendo transmitido aos nossos educandos, bem como, as imagens apresentadas neste material.

Neste capítulo será abordada uma breve história do livro didático, a presença da imagem neste material, e algumas considerações sobre os livros didáticos de Geografia.

O surgimento do livro didático como material impresso destinado a formação e aprendizagem se desenvolve no século XVII, enquanto que o aumento do volume das obras inicia-se a partir do século XIX. Conforme Schaffer (2010, p.138), este fato estaria vinculado ao maior número de conhecimentos, a divisão e sistematização das ciências, à crescente discussão sobre técnicas de ensino e teorias de aprendizagem, mas sobretudo à necessidade que se impunha à expansão capitalista de preparo dos recursos humanos através de treinamento técnico, militar e industrial.

Para Alain Choppin (2004), a natureza da literatura escolar está ligada a um complexo entrecruzamento de três gêneros que participam do processo educativo:

De início, a literatura religiosa onde se origina a literatura escolar, da qual são exemplos, no Ocidente Cristão, os livros escolares laicos “por perguntas e respostas”, que retornam o método e a estrutura familiar de catecismos; em seguida, a literatura didática, técnica ou profissional que se apossou progressivamente da instituição escolar, em épocas variadas – entre os anos de 1760 e 1830, na Europa-, de acordo com o lugar e o tipo de ensino; enfim, a literatura “de lazer”, tanto de caráter moral quanto de recreação ou de vulgarização, que inicialmente se manteve separada do universo escolar, mas à qual os livros didáticos mais recentes e em vários países incorporaram seu dinamismo e características essenciais. (CHOPPIN, 2004, p.552).

Choppin (2004) afirma que os livros didáticos ao longo do seu desenvolvimento histórico exercem quatro funções essenciais, podendo variar de acordo com o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização:

**1. Função referencial**, também chamada de curricular ou programática, desde que existam programas de ensino: o livro didático é então apenas a fiel tradição do programa ou, quando se exerce o livre jogo da concorrência, uma de suas possíveis interpretações. Mas, em todo o caso, ele constitui o suporte privilegiado dos conteúdos educativos, o depositário dos conhecimentos, técnicas ou habilidades, que um grupo social acredita que seja necessário transmitir às novas gerações.

**2. Função instrumental**: o livro didático põe em prática métodos de aprendizagem, propõe exercícios ou atividades que, segundo o contexto, visam a facilitar a memorização dos conhecimentos, favorecer a aquisição de competências disciplinares ou transversais, a apropriação de habilidades, de métodos de análise ou de resolução de problemas, etc.

**3. Função ideológica e cultural**: é a função mais antiga. A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educativos, o livro didático se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. Essa função, que tende a aculturar - e, em certos casos, a doutrinar - as jovens gerações, pode se exercer de maneira explícita, até mesmo sistemática e ostensiva, ou, ainda de maneira dissimulada, sub-reptícia, implícita, mas não menos eficaz.

**4. Função documental**: acredita-se que o livro didático pode fornecer, sem que sua leitura seja dirigida, um conjunto de documentos, textuais ou icônicos, cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno. Essa função surgiu muito recentemente na literatura escolar e não é universal: só é encontrada – afirmação que pode ser feita com muitas reservas – em ambientes pedagógicos que privilegiam a iniciativa pessoal da criança e visam a favorecer sua autonomia; supõe, também, um nível de formação elevado dos professores. (CHOPPIN, 2004, p. 553)

O número de pesquisas aliadas aos LDs, obteve um crescimento no campo acadêmico, focalizando diferentes abordagens de cunho político e pedagógico, assim como, em práticas educativas ou em políticas públicas.

Marisa Lajolo (1996, p. 4) compreende que “ didático é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. ”

Bittencourt (2004, p. 71), destaca o livro didático como um objeto cultural impondo uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor. O autor reconhece o livro didático como um depositário dos conteúdos escolares como suporte básico e sistematizado que são elencados por propostas curriculares e por ele são transferidos os conhecimentos e técnicas consideradas

fundamentais de uma sociedade em determinada época.

Em sua tese, Pralon (2011, p. 25) ressalta que, o LD faz parte da tradição escolar há tempo, e quando o tomamos como objeto de estudo o fazemos a partir da percepção de seu importante papel na dinâmica escolar.

Para Schaffer (2010, p. 137), o uso do livro didático está associado a uma função social e pedagógica relevante: a construção do conhecimento através do trabalho com o texto impresso, o que permite a ampliação deste universo do conhecimento.

Bittencourt (2004) identifica, nas pesquisas sobre livros didáticos, no Brasil e no exterior, uma evolução no sentido de compreender este artefato cultural em sua complexidade. Estudos que privilegiavam a análise de conteúdos dos textos em termos dos valores e ideologias por eles veiculados foram sendo complementados por análises que relacionam estes aspectos às políticas públicas e a aspectos da produção do livro didático.

Silva (2012, p. 805) explica que, a ampla capacidade que editores e autores manifestaram ao longo da história da educação brasileira de adequar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas é um dos fatores que argumenta a sua permanência como parte integrante do cotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores.

São múltiplos aspectos que envolvem a questão do livro didático, sendo uma produção cultural e ao mesmo tempo uma mercadoria, que atende a um determinado mercado, neste caso, a escola. A produção de um livro didático envolve o nome de um ou mais autores, mas que além desses, há todo um grupo de pessoas em seu tratamento industrial antes da chegada às livrarias e escolas. Portanto, é importante que seja comercializado, e é necessário considerar no caso do Brasil atual, que o grande comprador, é o próprio governo federal. Em sua tese Pralon (2011, p.31), ressalta a questão da comercialização dos livros didáticos por parte das editoras.

Comercializar livros didáticos tornou-se, ao longo do tempo, um negócio extremamente lucrativo para as editoras e, principalmente a partir do surgimento do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, em 1985, que inclui a figura dos avaliadores com poder de recomendar ou não uma obra, os autores passaram a ser pressionados pelos editores a adequarem seus textos aos parâmetros determinados por esse programa. (PRALON,2011, p.31)

Compreende-se que com as transformações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a adoção de critérios de avaliação mais rígidos, as editoras dos livros didáticos tiveram de apresentar os conteúdos de forma a adequar às exigências estabelecidas.<sup>7</sup>

Os critérios eliminatórios comuns em todas as disciplinas com relação a avaliação dos livros didáticos adotados pelo PNLD 2014, conforme o edital de convocação e inscrição das editoras, apresentam os seguintes itens:

1. o respeito à legislação brasileira e às diretrizes e normas oficiais do ensino fundamental;
2. a observação dos princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social;
3. a coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica proposta;
4. a apresentação de conceitos, informações e procedimentos corretos e atualizados;
5. um manual do professor adequado e compatível com a linha pedagógica adotada;
6. uma estrutura editorial e um projeto gráfico apropriado ao objetivo didático pedagógico (BRASIL, 2014, p. 9).

Quanto aos itens específicos da Geografia, as coleções devem propiciar a discussão e a crítica de forma a levar o aluno a reflexão sobre o seu papel na sociedade, contribuindo para a formação de atitudes no exercício da cidadania.

Com relação as imagens no livro didático de Geografia, o edital de convocação das editoras faz a seguinte referência:

Ilustrações que dialogam com o texto e com exemplos da diversidade étnica da população brasileira e da pluralidade social e cultural do país, não devendo reforçar preconceitos e estereótipos em relação a gênero e a outras nações do mundo. ” (BRASIL, 2011, p. 63)

Percebe-se que a preocupação com as imagens nos livros didáticos vêm sendo um dos critérios de eliminação, principalmente com a questão de reforçar preconceitos

---

<sup>7</sup> O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) consiste na distribuição de livros didáticos aos alunos da rede pública de ensino. As obras são avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC), que publica o Guia de Livros Didáticos com as coleções aprovadas. Os livros são utilizados durante três anos pelos alunos e a cada final de ano estes são devolvidos à escola para serem utilizados durante o ano subsequente.

Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.

entre gênero e nações, em cumprimento a lei 10.639/03 que inclui a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-brasileira.

O guia do PNLD explicita que a cada ano as editoras vem se adequando aos critérios propostos e aperfeiçoando as suas obras na forma de abordagem do conteúdo, como também, a persistência de falhas pontuais e/ou específicas, como por exemplo, a desatualização dos conceitos que induzindo a erros, o que leva a exclusão da coleção pela equipe de avaliadores.

O PNLD abrange ações de diferentes sujeitos: editoras; equipes de pareceristas vinculadas às instituições de ensino superior que irão realizar a avaliação; professores que devem escolher as coleções e finalmente; os alunos que receberão os livros. O MEC se encarrega das questões operacionais e os recursos financeiros, bem como a definição dos valores repassados às editoras que ficam a cargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Para o prosseguimento desta discussão, teceremos algumas considerações sobre os livros didáticos de Geografia.

### **3.1. O livro didático de Geografia: algumas considerações**

Para Castrogiovanni e Goulart (2010, p. 133), a seleção do material didático utilizado deve ser alvo de uma constante discussão. Inicialmente, deve ser realizada uma profunda reflexão a partir de questões metodológicas da Geografia.

Os autores explicitam que a Geografia deve estar preocupada com a questão da organização do espaço, definida de forma diferenciada, em função do tipo de apropriação que dele se faz. Assim, para que tal situação seja percebida pelo aluno, é indispensável desenvolver a capacidade de observação, interpretação e análise dos objetos geográficos: natureza e sociedade.

Conforme Oliveira e Leandro (2011, p. 13) livro didático de Geografia complementa as atividades didático pedagógicas e é considerado um dos recursos entre tantos outros disponíveis. Segundo os mesmos autores, a mediação para a construção do conhecimento ele contribui para a disseminação de aspectos específicos de currículo, incluindo o método de ensino, de escola e de sujeitos sociais. Sua utilização como recurso didático subsidia o planejamento de conteúdos no



processo de ensino-aprendizagem em Geografia e orienta, especificadamente, para a formação das imagens que se constroem de mundo, de trabalho e de transformação social.

Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007, p. 343) explicitaram que o livro didático de Geografia não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexos ou correlações. Este também deve conter formas atraentes de tratar os assuntos relativos ao cotidiano dos alunos do ponto de vista espacial e de outras realidades.

Para os referidos autores, o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como um instrumento auxiliar de reflexão geográfica com seus alunos, mas que existem fatores limitantes para tal. Além disso, o professor ao escolher um livro didático, não pode fazê-lo de forma aleatória.

Cada disciplina apresenta suas exigências de estudo das linguagens para auxiliar a compreensão de algum conteúdo, portanto, nos livros didáticos de geografia, há a presença das representações gráficas e cartográficas que são importantes na ampliação dos conhecimentos espaciais envolvendo o cotidiano dos alunos, como também os lugares distantes. Os gráficos e os cartogramas também devem interagir com os textos não só como complemento, mas auxiliando também na organização pedagógica das aulas de Geografia.

Com a diversidade de publicações que se encontram nos dias de hoje, e até de novas edições de algumas já conhecidas anteriormente, houve avanços quanto à diversidade de tipos de linguagens, incluindo propostas mais avançadas contendo textos literários, trechos ou fragmentos de artigos científicos, textos de jornais e revistas, textos retirados da internet, poesias, músicas e até mesmo dos próprios autores, que permitem ao aluno contato com as outras linguagens para ampliar a capacidade de leitura dos estudantes, não limitando-os somente a uma leitura didática e única proposta de ensino.

De acordo com Pontuschka; Paganelli e Cacete (2007, p. 344-346) para escolha do livro didático de geografia, assim como de outras disciplinas, não costumam passar por uma análise crítica por parte dos professores. Para isso, sugerem um critério composto de alguns itens básicos para análise, conforme apresentado no Quadro 1.

### Quadro 1- Exemplo de critério de seleção dos livros didáticos de Geografia

1-Capa	Verificação do conteúdo da capa, como por exemplo, imagem e texto, adequação à faixa etária, atitude teórica com relação à geografia por meio do título e da imagem.
2- Autor ou autores	Quais os especialistas da área? Há traços biográficos no início ou fim do livro? Local onde estudaram e lecionaram.
3- Público	Destina-se a que modalidade de ensino: fundamental ou médio. Quais as diferentes modalidades.
4- Apresentação do livro	O que é dito sobre o livro? Que linguagem é utilizada, considerando a faixa etária do estudante a que se destina?
5- Índice e estrutura do livro	Quais os temas priorizados? Obedecem aos Parâmetros Curriculares Nacionais ou às propostas dos órgãos centrais de educação? É possível ver os conceitos geográficos priorizados, como: espaço, território, lugar, região, sociedade e natureza?
6- Diagramação	Tem de haver boa interação conteúdo e forma para facilitar a compreensão do conteúdo. Para uma turma de 5º e 6º ano, os textos devem ser curtos com imagens sugestivas e relacionadas ao conteúdo do texto.
7- Imagens, representações gráficas e cartográficas	As imagens constituídas por fotos, pinturas e gravuras são necessárias em um livro de geografia, porque podem complementar os textos; podem interagir com eles, sendo parte integrante do conteúdo e empregadas em atividades que solicitam reflexões sobre paisagem ou localidades quaisquer.
8- Proposta teórico-metodológica:	A trajetória da geografia como ciência apresenta aos professores vários caminhos a serem trilhados que vem servindo de base para a produção de material didático. São tendências mais tradicionais e outras mais progressistas, muitas vezes denominadas críticas, que precisam ser detectadas na leitura de textos que tratam do espaço geográfico.
9- Linguagem	Aspecto de grande importância, pois a linguagem tem de estar adequada à faixa etária do aluno. Não deve limitar somente a linguagem do autor, há a necessidade da inclusão de poesias, textos de jornais, revistas e de outros autores.
10- Atividades	Não podem ser reprodução de excertos do texto. Há uma série de atividades que podem ser propostas com o uso de diferentes textos não contidos no capítulo, com mapas, gráficos, imagens de satélite e fotografias, constituindo um repertório de linguagens que o aluno precisa conhecer e analisar.
11- Bibliografia	As fontes bibliográficas precisam ser mencionadas no livro. É importante que sejam sugeridos livros adequados à faixa etária da classe e que tenham relação com os respectivos conteúdos e a realidade socioespacial dos alunos.

Fonte: Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007, p. 344-346) adaptado pela autora

A análise criteriosa dos livros didáticos, torna-se fundamental, na medida em que seus conteúdos induzem a propósitos que devem ser compreendidos e

analisados para serem aceitos ou não, desconstruídos ou reafirmados.

Para Tonini (2003, p. 35), os livros didáticos têm se inserido nesta tecnologia cultural ao colocar em suas páginas expressiva quantidade de imagens.

Tonini (2003) ainda complementa que ensino da Geografia certamente deve deter-se nessa nova cultura imagética, na tentativa de desenvolver uma pedagogia preocupada com a leitura das imagens inscritas nos livros didáticos. Desse modo, é possível encontrar outra ampla dimensão educativa, outro campo de constituição de sujeitos muito úteis nas nossas práticas pedagógicas.

Em seu artigo, Almeida (2013, p. 83) ressalta que cada coleção possui uma dinâmica própria e, que a partir disso, é importante estudar as imagens que compõe esse material didático e sua possibilidade de compreender o espaço geográfico. Além disso, o livro didático tem sido alvo de muitas pesquisas nas mais diferentes abordagens, focando em diversos temas, o que demonstra que a representação visual também é dinâmica e tão necessária que acaba sendo discutida, muitas vezes o uso em sala de aula.

O aparecimento mais intenso de imagens nos espaços escolares é relativamente recente. Há algumas décadas atrás os mecanismos que reproduzem imagens eram caros e restritos a determinados tipos de usos, mas com a modernização e expansão dos mesmos, seu uso se tornou mais acessível. (ALMEIDA 2013, p. 86).

Apesar de as vezes, os livros apresentarem inconsistência teórica e metodológica, ainda é um referencial utilizado por muitos professores que o utilizam, como um complemento em suas ações pedagógicas, até por ser o único recurso disponível nas escolas de grande parte do país.

Após essas breves considerações sobre o livro didático, no próximo item abordaremos a presença das imagens neste material.

### 3.2. Imagem e livro didático

Em geral, as obras didáticas atuais apresentam projetos gráficos atraentes, com cores vivas e imagens que ocupam um espaço destacado em suas páginas.

Para Hollmán (2014, p. 223), os livros didáticos são um objeto de investigação importante para explorar os regimes visuais construídos para observar a relação entre sociedade e natureza.

Para Lajolo (1996, p.5), o livro didático é um importante portador para as diferentes linguagens e como ele não é constituído somente de linguagem verbal, é importante que todas elas sejam igualmente eficientes, pois ele é um material que possibilita diferentes leituras e possui diferentes leitores. Deste modo, é relevante compreender como uma das linguagens, neste caso, a imagem, é veiculada nos livros didáticos de Geografia.

Também é necessário observar como a imagem é abordada nos critérios de avaliação do PNLD, já que estes são documentos referenciais a serem utilizados como parâmetros na seleção dos livros didáticos a serem adotados nas escolas brasileiras.

No guia dos livros didáticos do PNLD (2014), é apresentado a ficha de avaliação das obras que é preenchida pelos avaliadores das mesmas. Entre os itens disponíveis no guia, consta uma parte destinada às ilustrações (mapas, cartogramas, tabelas, imagens de satélite, fotografias, entre outros). As orientações aos avaliadores são as seguintes:

- As ilustrações são claras, precisas e de fácil compreensão e exploram as várias funções?
- Reproduzem adequadamente a diversidade étnica da população brasileira?
- A escala é utilizada corretamente para representar os fenômenos tratados?
- As legendas dos mapas e demais ilustrações são adequadas e claras?
- As ilustrações são acompanhadas dos respectivos créditos e locais de custódia, fazem referência às fontes e à autoria, possuem datas e títulos? (BRASIL, 2013, p. 15)

Podemos assegurar, que o processo de avaliação realizado pelo PNLD considera alguns pontos fundamentais a serem analisados com relação às ilustrações,

principalmente se estas são exploradas adequadamente. De acordo com Almeida (2013, p. 85), o guia do PNLD não contempla avaliação das imagens quanto à representação e compreensão das categorias geográficas, assim como, o caráter ilustrativo que a grande maioria assume

Dentre os itens que são considerados no processo de avaliação das coleções didáticas, cabe também observar como são analisadas as imagens que estão inseridas neste material.

De acordo com Lajolo (1996), a qualidade do conteúdo e a organização do livro também devem ser consideradas, o que significa que a nitidez da impressão, a encadernação resistente, e as ilustrações, diagramas e tabelas devem refinar, matizar e requintar o significado dos conteúdos e atitudes que essas linguagens ilustram, diagramam e tabelam.

O mercado editorial do livro didático no Brasil tem apresentado um alto desenvolvimento nos últimos anos, contribuindo para o aumento da qualidade visual das publicações. Anualmente, as principais editoras investem em pesquisas, tecnologias, gráficas e direitos autorais para a publicação dos livros didáticos.

Para Oliveira (2008, p. 99), é preciso que produtores de materiais instrucionais atentem para a importância do uso de imagens como uma outra forma de transmitir informação e incrementar o processo de aprendizagem e possam assim encontrar meios de auxiliar o aluno a decodificá-las e interpretá-las segundo os modos e as funções que regem as representações visuais.

Segundo Tonini (2003, p. 36), a imagem ensina uma determinada visão de mundo, de valores e quais comportamentos sociais e econômicos são aceitáveis como verdades, tendo como finalidade a condução de subjetividades massificadas sem qualquer menção às lutas, às reivindicações e participação social.

Tonini (2003) prossegue em seu artigo, ressaltando que a imagem, por possuir estoque de verdade, vai moldando, constituindo nossas subjetividades. Ela é precisamente um veículo dos significados e mensagens simbólicas.

Conforme observado por Hall (1997, citado por Macário 2010, p. 113), as imagens funcionam como símbolos, são textos culturais que constroem significados e os transmitem, são veículos ou meios carregados de representações que desejamos comunicar.

O uso de imagens nos livros didáticos sofre uma redução de suas possibilidades interpretativas, para se adaptar a uma configuração analítica que

aponta para um modo de compreensão próprio do objeto de estudo que é a linguagem verbal.

Concluída estas considerações, serão expostas no próximo capítulo: a metodologia e análises das imagens da paisagem no livro didático de Geografia.

## **4 A PAISAGEM E AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA**

A imagem no livro didático de Geografia tem um papel importante na compreensão dos conceitos, pois esta pode gerar diferentes sentidos para o leitor, nem sempre pensado pelo autor, isto significa que, a imagem pode ter diferentes conotações. Para tanto, é necessário investigar a veiculação das imagens no material didático, quanto à transmissão dos conceitos, em nosso caso conceitos geográficos.

No presente capítulo será apresentado o percurso metodológico da pesquisa com as seguintes etapas: a seleção das coleções didáticas, a classificação das imagens de acordo com os diferentes modos de produção e o processo de codificação para melhor facilitar a localização no livro didático. E por fim, são expostos os resultados das análises das imagens referentes à paisagem contidas nos livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental.

### **4.1. Percursos metodológicos**

A metodologia utilizada no desenvolvimento das análises, baseia-se na análise documental (Cellard, 2008) e na análise de conteúdo (Bardin, 1977).

A análise documental consiste na exploração de documentos para entender um determinado fenômeno. Segundo Cellard (2008, p.295), a análise de documentos “favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc.”

Tilio (2006, p.130) em sua tese de doutorado sobre o livro didático de Língua Inglesa em uma abordagem sócio discursiva, compreende-o como forma de produção na modalidade escrita e que pode ser considerado um documento pedagógico por ser parte integrante das práticas educacionais. O autor ressalta a relevância do livro didático na análise documental, na medida em que a construção de identidades dos alunos e o tratamento das questões socioculturais são viabilizados por meio da linguagem, neles apresentadas, além de ser um objeto passível de análise.

Cellard (2008, p. 301) destaca a importância de assegurar a qualidade da informação transmitida. Cabe enfatizar que o livro didático é um material utilizado na

construção de conhecimentos do educando e que, para que este chegue às mãos de nossos alunos, foram aprovados pelo PNLD segundo um critério de avaliação anterior à distribuição para as escolas.

Além da análise documental, utilizaremos conjuntamente à análise de conteúdo, que para Bardin (1977, p. 34) “torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens”. Neste trabalho as mensagens serão estudadas a partir das imagens.

Segundo Bardin (1977), para a aplicabilidade corrente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação de mensagens e enunciados, a análise de conteúdo deve ter como ponto de partida uma forma de condução. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos: a pré-análise, o tratamento de resultados, a inferência e a interpretação. (Figura 1)

A fase da pré-análise constitui-se na organização das ideias iniciais, na qual conforme Bardin (1977) são apresentados os agentes que não seguem um critério específico, mas estabelecem uma relação entre si. A esquematização do material coletado pode ser realizada por meio da leitura flutuante, que consiste no primeiro contato com os documentos em que as primeiras intuições são realizadas.

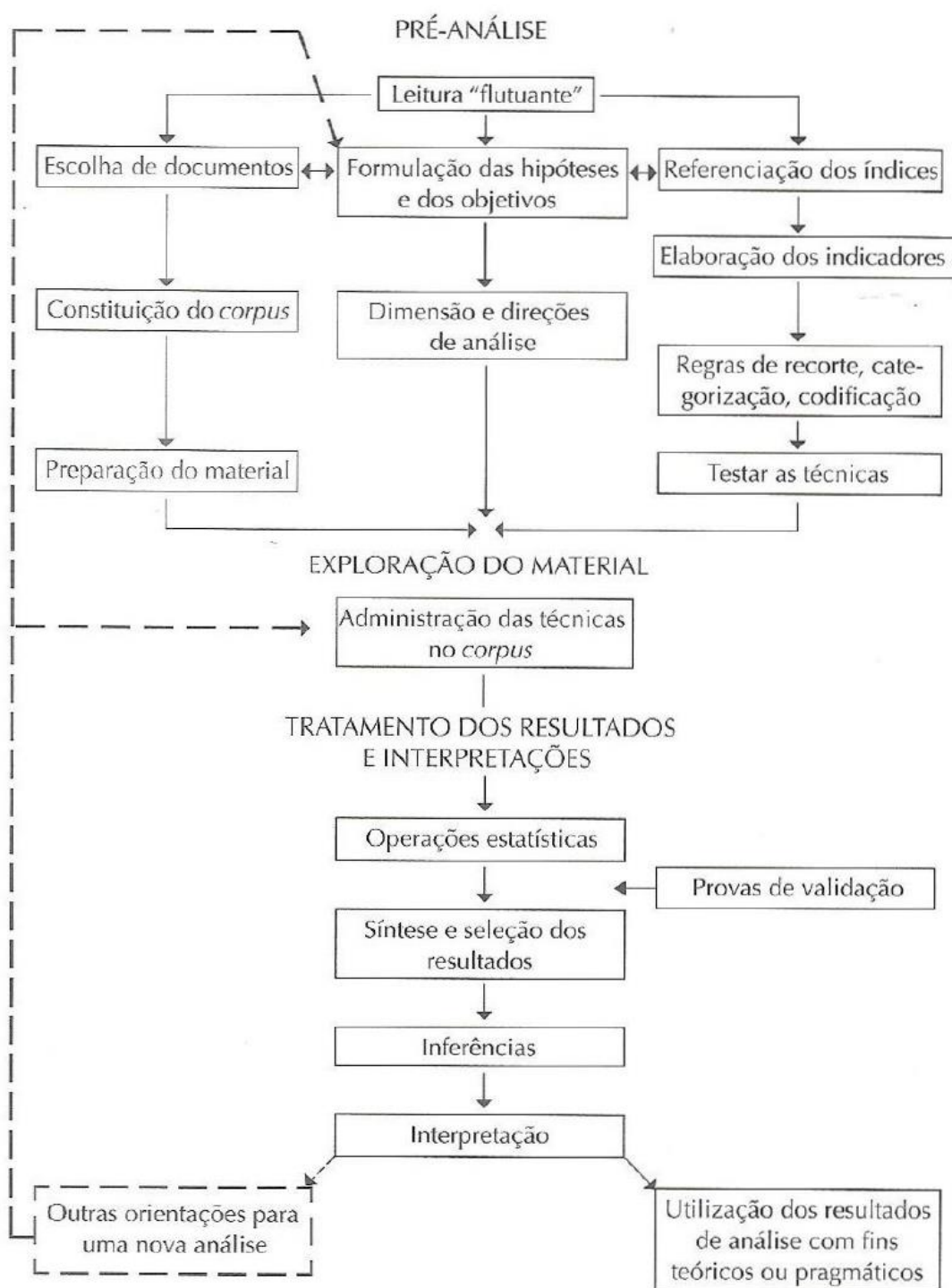
A escolha dos documentos, que também é parte da pré-análise, baseia-se na delimitação do material a ser analisado, tendo em vista a determinação dos objetivos da pesquisa. A formulação de hipóteses e dos objetivos são os questionamentos surgidos durante a pesquisa, a fim de elaborar a interpretação do material a ser analisado. “Esta fase longa e fastidiosa, consiste, essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p.101).

Para Bardin (1977), a segunda fase consiste na exploração do material, onde é estabelecida a definição de categorias (sistemas de codificação) e a detecção das unidades de registro (unidade de significação a codificar correspondente ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e a unidade de contexto (unidade de interpretação para sistematização da unidade de registro, e correspondente ao segmento da mensagem). Esta fase é importante para compreender a significação precisa da unidade de registro.

A terceira fase remete-se ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta etapa ocorre a condensação e o destaque das informações para



análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 1977, p.101).



**Figura 1** - Etapas da análise de conteúdo

Fonte: BARDIN (1977, p.102)

A seguir, serão detalhados os critérios utilizados para a realização da pesquisa, com base na metodologia adotada nesta dissertação.

## 4.2. A seleção das coleções didáticas de Geografia

A pesquisa foi realizada considerando as vinte e quatro coleções de Geografia aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2014, destas foram selecionadas as seis coleções do 6º ano de ensino fundamental utilizadas no município de Maricá, localizado no Estado do Rio de Janeiro.

O motivo da escolha da localidade deve-se ao fato de minha experiência docente no município, onde, no diálogo com outros colegas de profissão surgiam discussões relativas aos usos e sentidos da imagem. Além disso, optou-se somente pela rede municipal por esta ser a responsável em oferecer prioritariamente o ensino fundamental. Conforme justificado na introdução, a série de escolaridade definida no estudo, apresenta o conceito de paisagem de forma mais detalhada e mais frequente do que as demais.

Como o foco do trabalho é discutir as imagens no livro didático de Geografia, nas análises das imagens não será abordada a relação texto e imagem, que oportunamente poderemos realizar em estudos futuros.

Seguindo a metodologia da análise de conteúdo, a pré-análise decorreu-se na escolha das coleções didáticas de Geografia. Para esse fim, foi realizado um levantamento com base no *site* do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a fim de conhecer quais são os livros didáticos utilizados na rede municipal de Maricá.

Por meio deste levantamento identificou-se que na rede municipal de Maricá são adotadas as seis coleções mais distribuídas do PNLD de 2014 nos quatro últimos anos do ensino fundamental. Estas serão nomeadas pela sigla LDGeo (livro didático de Geografia) conforme consta no Quadro 2, seguido por suas respectivas imagens de capa. (Figura 2)

**Quadro 2-Livros didáticos de Geografia adotados no município de Maricá referentes ao PNLD de 2014**

Sigla	Nome do livro	Autores	Editora
LDGeo1	Expedições Geográficas	Melhem Adas e Sérgio Adas	Moderna
LDGeo2	Projeto Teláris: Geografia	J. Willian Vesentini; Vânia Vlach.	Ática
LDGeo3	Projeto Araribá: Geografia	Fernando Carlo Vedovate	Moderna
LGeo4	Jornadas Geo	Angela Rama, Marcelo Moraes Paula	Saraiva
LDGeo5	Geografia Espaço e Vivência	Levon Boligian; Rogério Martinez Wanessa Garcia; Andressa Alves	Saraiva
LDGeo6	Projeto Velear: Geografia	João Carlos Moreira, Eustáquio de Sene	Scipione



**Figura 2-** Capa dos livros das coleções selecionadas

Fonte: ADAS; ADAS, (2011); VESENTINI; VLACH (2012), VEDOVATE (2010), BOLIGIAN, *et. al*, (2012), RAMA; PAULA (2012), SENE; MOREIRA (2013)

Conforme Gouvêa *et. al* (2006, p. 4), a estrutura gráfica de um livro, geralmente, é elaborada por: capa e contracapa, folha de rosto, apresentação, índice e desenvolvimento de um conteúdo específico. Este último está categoricamente organizado por capítulos que devem ser lidos na ordem de apresentação e, normalmente, um é pré-requisito do outro.

A seguir serão explicitadas as principais características das coleções selecionadas referentes ao 6º ano do ensino fundamental.

O LDGeo1 , *Expedições Geográficas* apresenta 272 páginas e está organizado em oito unidades e quatro capítulos que são o seguinte : Unidade 1: Orientação e localização no espaço geográfico; Unidade 2: Elementos básicos de Cartografia; Unidade 3: A Terra: aspectos físicos gerais; Unidade 4: O relevo continental: agentes internos; Unidade 5: O relevo continental: agentes externos; Unidade 6: Clima e vegetação natural; Unidade 7: Extrativismo e agropecuária; e Unidade 8: Indústria, sociedade e espaço.

De acordo com os dados estatísticos do PNLD de 2014, o LDGeo1 foi o segundo mais distribuído, com 1.771.873 exemplares pelas escolas do país, o que mostra a representatividade que possui entre os professores no momento da escolha.<sup>8</sup>

Os autores do livro LDGeo1 são referências na área da Geografia e as suas publicações didáticas possuem bastante reconhecimento no mercado, além de um dos autores apresentar experiência como professor de Ensino Fundamental na rede pública e privada escolar de São Paulo e o outro ter formação em nível de doutorado e pós-doutorado.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Informação disponível em :< <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>> Acesso em 16 de outubro de 2014.

<sup>9</sup> **Melhem Adas**, é bacharel e licenciado em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da PUC de São Paulo. Professor do Ensino Fundamental, Médio e Superior na rede pública e em escolas privadas do estado de São Paulo.

**Sérgio Adas** é Doutor em Ciências (área de concentração: Geografia Humana) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. (Fonte: ADAS; ADAS, 2011)

Quanto ao projeto gráfico do LDGeo1 (Figura 3) , as aberturas das unidades apresentam um infográfico, com recursos visuais que integram gráficos, dados e informações de acordo com o conteúdo que será estudado. <sup>10</sup>



**Figura 3-** Apresentação da organização do LDGeo1

Fonte: ADAS; ADAS (2011, p. 2)

<sup>10</sup> *Infográfico* é uma forma de representar informações técnicas como números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser, sobretudo, atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço. Normalmente utilizado em cadernos de Saúde ou Ciência e Tecnologia, em que dados técnicos estão mais presentes, o infográfico vem atender a uma nova geração de leitores, que é predominantemente visual e quer entender tudo de forma prática e rápida. (CAIXETA, 2005, p. 1).



Na chamada de unidade do LDGeo1, como mencionado anteriormente, apresenta-se um infográfico com desenho e ícones com o objetivo de chamar a atenção do conteúdo que será estudado. Quanto aos recursos gráficos, observa-se a predominância de tons verdes, sendo a cor amarela e laranja em menor destaque. Percebe-se que o livro segue um padrão quanto à forma de disposição dos recursos gráficos como a presença de ícones sinalizando o assunto a ser estudado.

Na introdução de cada capítulo do LDGeo1, há a predominância da cor verde na parte superior, com ícones destacando as informações importantes para um determinado conteúdo. O livro se apresenta bastante ilustrado contendo desenhos, mapas, obras de arte, com maior destaque para as fotografias.

O LDGeo2, *Projeto Teláris*, foi o terceiro livro mais distribuído no PNLD 2014, totalizando 1.117.130 exemplares nas escolas do país. O livro do 6º ano contém 280 páginas e está estruturado em quatro unidades com quinze capítulos. As unidades são: Unidade 1: O espaço geográfico e suas representações; Unidade 2: Conhecendo o planeta Terra; Unidade 3: Litosfera, atmosfera e hidrosfera; e Unidade 4: Biosfera e sustentabilidade.

Os autores do LDGeo2 são renomados na área da Geografia, atuando como professores universitários da Universidade de São Paulo (USP), apresentam habilitação em nível de mestrado e doutorado, além de terem atuado como professores na educação básica em escolas públicas. Os autores mantêm a mesma parceria na escrita do livro didático por muitos anos, se destacando também no mercado<sup>11</sup>.

O LDGeo2 também apresenta uma boa quantidade de imagens, contendo em sua maioria fotografias, além de mapas, gráficos, desenhos e algumas imagens obras de arte. As aberturas de unidade do livro, possuem uma fotografia e/ou desenho em página dupla nas cores preto e branco, relacionado ao conteúdo que será desenvolvido nos capítulos subsequentes à unidade. Há o destaque para a cor verde na parte inferior da fotografia e um ícone amarelo que aparece na página e é

---

<sup>11</sup> **J. Willian Vesentini** é Doutor e livre docente em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), professor e pesquisador do Departamento de Geografia da USP, especialista em Geografia Política/ Geopolítica e Ensino de Geografia. Ex-professor do Ensino Fundamental e Médio das redes particulares e oficial de São Paulo

**Vânia Vlach** é doutora em Geopolítica pela Université de Paris VII, Mestra em Geografia Humana pela USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade de Uberlândia. Ex-professora de educação básica das redes oficial e particular do Estado de São Paulo. Fonte: (Vesentini; Vlach, 2014)

destacado na borda das páginas ímpares, indicando o tema de cada capítulo. (Figura 4).



**Figura 4-** Chamada de capítulo do LDGeo2

Fonte: VESENTINI; VLACH (2014, p.10)

No LDGeo2 é observado uma certa padronização na organização dos recursos gráficos na disposição das cores e nos ícones, o que evidencia que cada editora utiliza uma forma diferenciada de organização no projeto gráfico do livro didático.

O LDGeo 3, *Projeto Araribá*, foi o mais distribuído no PNLD de 2014, totalizando 3.333.109 exemplares. O livro apresenta 215 páginas, estruturado em 8 unidades: 1. A Geografia e a compreensão do mundo; 2. O planeta Terra; 3. Os continentes, as

ilhas e os oceanos; 4. Relevo e hidrografia; 5. Clima e vegetação; 6. O campo e a cidade; 7. Extrativismo e agropecuária; e 8. Indústria, comércio e prestação de serviços.

O LDGeo3 também contém bastante imagens fotográficas em suas páginas, além de apresentar mapas, gráficos e desenhos em menor quantidade. Os recursos gráficos presentes no livro, assim como os anteriores, seguem uma certa padronização na disposição das cores, ícones e na disposição das fotografias. (Figura 5)



Figura 5- Apresentação da estrutura do livro LDGeo3

Fonte: VEDOVATE (2010, p. 4)



Na abertura de unidade do LDGeo3 são apresentados infográficos, desenhos, fotografias com o objetivo de chamar a atenção ao conteúdo que será estudado nos temas, a cor laranja é destacada na parte superior de cada página do início de cada capítulo, além de algumas fotografias ocuparem a página inteira.

O autor do LDGeo3, é um editor responsável da coleção, apresentando formação em nível de mestrado e é professor, mas não está explícito na capa do livro, qual a disciplina que leciona<sup>12</sup>.

O LDGeo4, *Jornadas Geo*, sexto livro mais distribuído no último PNLD, está organizado em oito unidades, distribuídas da seguinte maneira: 1. Os espaços de vivência; 2. Representação do espaço, orientação e localização; 3. Sociedade e natureza: a produção do espaço geográfico; 4. Relevo terrestre: ações humanas e da natureza; 5. Recursos minerais e energéticos; 6. Águas do mundo: usos e distribuição; 7. Clima: dinâmica natural e atividades humanas; e 8. As grandes formações vegetais da Terra.

Realizando um panorama geral do LDGeo4, observa-se que o mesmo utiliza uma certa uniformização quanto ao seu projeto gráfico, na disposição das imagens, nas cores que acompanham os títulos nas páginas, como também na disposição das fotografias. As aberturas de unidade apresentam-se de forma diversificada, em algumas delas há desenhos, fotografias e imagem de satélite. (Figura 6)

Os autores do LDGeo4 apresentam bacharelado e licenciatura na área de Geografia, sendo que a autora possui formação em nível de mestrado, além disso são professores da educação básica<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> **Fernando Carlo Vedovate** é Mestre em Ciências (área de concentração: Geografia Humana) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor por 17 anos e editor. (VEDOVATE, 2010)

<sup>13</sup> **Marcelo Moraes de Paula** é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo e professor de Geografia no Ensino Fundamental e Médio

**Ângela Rama** é Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo, bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo e professora de Geografia no Ensino Fundamental e Médio.



**Figura 6-** Abertura de Unidade do LDGeo4  
 Fonte: PAULA; RAMA (2012, p.12)

O LDGeo5, *Geografia Espaço e Vivência*, foi a sétima coleção mais distribuída no último PNLD, totalizando 495.880 exemplares e está organizado em cinco unidades e com dezesseis capítulos. As unidades estão estruturadas da seguinte forma: Unidade I: Geografia: ciência do espaço; Unidade II: Terra: nosso planeta, nossa casa; Unidade III: A dinâmica do relevo e as paisagens terrestres; Unidade IV: A ação das águas e as paisagens da Terra; Unidade V: O tempo, o clima e as paisagens terrestres.

Os autores do LDGeo5 possuem formação em nível de especialização e mestrado, sendo que um deles apresenta a formação em nível de doutorado, além de serem professores da Educação Básica<sup>14</sup>.

Quanto aos recursos gráficos, o LDGeo5 também segue uma certa padronização em seu conteúdo, na disposição das cores, com destaque para as cores verde e vermelho. Apresenta uma grande quantidade de imagens, com destaque para as fotografias, mapas, desenhos e gráficos.

Nas aberturas de unidade do LDGeo5, destacam-se a presença de fotografias e/ou desenhos, que geralmente estão relacionados com o conteúdo a ser desenvolvido durante a unidade, sendo que as fotografias ocupam mais da metade da página, o que mostra o objetivo de atrair o aluno a observá-la (Figura 7).

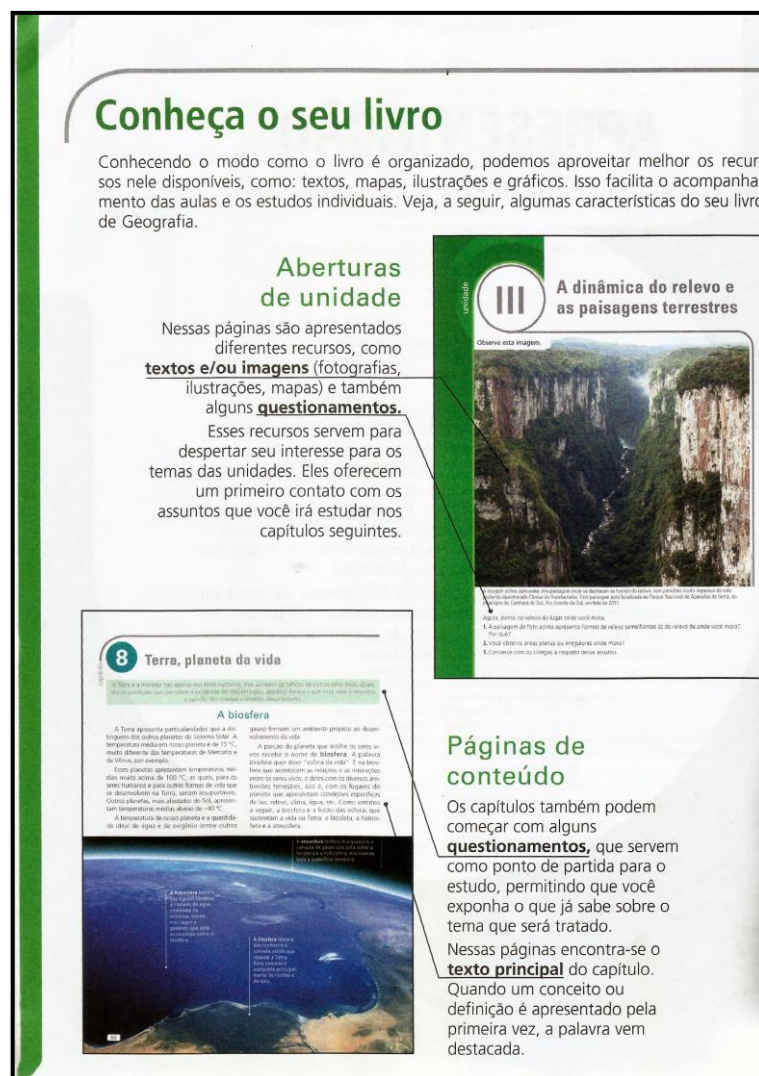
---

<sup>14</sup> **Levon Boligian** é professor de Geografia do Ensino Fundamental e Médio e licenciado pela Universidade Estadual de Londrina. Doutor em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual Paulista e professor de Metodologia do Ensino de Geografia no Ensino Superior

**Rogério Martinez** é professor do Ensino Fundamental e Médio licenciado pela Universidade Estadual de Londrina e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista

**Wanessa Pires Garcia Vidal** é professora de Geografia do Ensino Fundamental e Médio. Especialista em Avaliação Educacional pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Educação pela Universidade de Londrina.

**Andressa Turcatel Alves Boligian** é professora do Ensino Fundamental e Médio licenciada pela Universidade de Londrina. Arte-educadora licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Boligian, *et.al*, 2012)



**Figura 7-** Apresentação da estrutura do LDGeo5  
Fonte: BOLIGIAN et.al (2012, p. 4)

O LDGeo6, *Projeto Velejar*, foi o décimo terceiro livro mais distribuído nas escolas do país, num total de 316.901 exemplares. O livro é escrito por autores renomados na área, com formação em nível de mestrado e atuação como professores na Educação Básica e no Ensino Superior<sup>15</sup>.

O LDGeo6 apresenta 224 páginas e está estruturado com uma introdução, sete unidades e vinte capítulos. A introdução intitula-se “Por que estudar Geografia?”. As unidades são: 1. O sistema solar e os movimentos da Terra; 2. Por que os mapas são

**15 João Carlos Moreira** é bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor de Geografia da rede particular de ensino. Advogado (OAB/SP)

**Eustáquio de Sene** é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor de Metodologia do Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.



importantes?; 3. As transformações do planeta Terra; 4. Como é a superfície de nosso planeta?; 5. O clima, o tempo e o nosso dia a dia; 6. Como a água está distribuída em nosso planeta?;e 7. Os biomas e sua importância para a vida na Terra.

O LDGeo6 também apresenta um grande número de imagens, das quais se destacam: o desenho, a fotografia, o mapa, gráficos e imagens de satélite. Quanto aos recursos gráficos são utilizados infográficos e ícones sinalizando a existência de um conteúdo a fim de “chamar a atenção” do aluno. As aberturas de unidade apresentam uma só fotografia em página dupla, relacionando ao conteúdo que será desenvolvido durante toda a unidade. (Figura 8)



Figura 8- Apresentação da estrutura do LDGeo6  
Fonte: SENE; MOREIRA (2013, p.4)

Nesta breve descrição das características físicas dos livros didáticos, observou-se que a maior parte das coleções segue uma certa padronização quanto à estruturação do livro, bem como, na disposição das imagens. Percebeu-se que as

publicações apresentam um grande número de imagens, com destaque para a fotografia, sendo que em alguns casos, elas ocupam uma página inteira.

Verificou-se também que, cada editora apresenta uma maneira na estruturação do projeto gráfico e na hierarquização dos conteúdos do livro didático. Com isso, observa-se que as editoras vêm investindo a cada ano em suas coleções para se adequar as exigências do PNLD.

Outro aspecto a ser destacado é quanto a formação dos autores destes livros, sendo que a maioria se destaca por apresentar o título de mestre e doutor. Também nota-se que boa parte dos autores possuem experiência na Educação Básica. Há casos de alguns autores já serem conhecidos por possuírem a publicação de livros didáticos por muitos anos, o que talvez tenha influenciado no momento da escolha pelos professores do município.

O fato de um autor apresentar antiguidade no mercado do livro didático, sugere que influencia o professor no momento da escolha, pois o docente pode atribuir credibilidade e valorização a publicação, acreditando que o livro escolhido foi bem escrito e as informações contidas são tidas como “verdadeiras”.

A etapa descrita no próximo item, segundo Bardin (1977, p.101), é de suma importância, visto que possibilitará a realização das interpretações e inferência. Sendo assim, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase.

No próximo item, segue o detalhamento da escolha e classificação das imagens selecionadas, com uma breve descrição quanto aos tipos destas.

### **4.3. Escolha e Classificação das imagens**

Conforme explicitado anteriormente, os educandos se encontram no “mundo das imagens” dos mais diferentes tipos. A escola por sua vez, funciona como um ambiente de produção e reprodução destas por meio da utilização dos vários recursos pedagógicos, dentre eles, o livro didático.

O livro didático é um material que apresenta diversos tipos de imagens, dentre elas, as gravuras, pinturas, desenhos e a fotografia e infográficos. Por apresentar essa multiplicidade o nosso critério de escolha das imagens buscou analisá-las a partir de seus diferentes tipos, destacando somente o capítulo em que é abordado o conteúdo

referente a paisagem. O Quadro 3 mostra o quantitativo dos diferentes tipos de imagem que compõem os capítulos que trata da paisagem.

**Quadro 3- Quantitativo dos tipos de imagens presentes no capítulo do conteúdo: Paisagem**

Código dos livros	Tipo de imagem				Total de imagens
	Fotografia	Desenho	Obras de arte	Infográfico	
LDGeo1	15	1	2	-	18
LDGeo2	19	-	-	-	19
LDGeo3	19	3	-	-	22
LDGeo4	30	8	-	1	39
LDGeo5	26	8	-	-	34
LDGeo6	16	3	-	-	19

Percebe-se que nas coleções selecionadas para a análise, ficou evidenciado o predomínio da fotografia. Numa leitura flutuante dos livros didáticos, algumas delas chegam a ocupar mais da metade de uma página ou até 100 % delas.

É interessante discutir os diferentes tipos de imagens, já que no cotidiano os livros didáticos vêm aprimorando-as em seu conteúdo. Assim, compreende-se que todas elas apresentam o caráter polissêmico, além de desenvolver a sensibilidade estética e que pode ser um meio para auxiliar o aprendizado do educando.

A seguir faremos uma pequena reflexão sobre os tipos de imagem encontrados nos LDs analisados para esta dissertação.

#### **4.3.1. Imagens em obras de arte**

Conforme Santaella (2012, p. 26- 27), para se libertar dos valores religiosos da Idade Média, no Renascimento as artes privilegiaram o indivíduo retornando à imitação da natureza com a colaboração da racionalidade e da matemática.

As pinturas do século XIV a XVII utilizavam as relações geométricas na forma de perspectiva retratando as paisagens, a arquitetura e o ser humano. Esse modelo dominou por séculos no Ocidente mesmo com todas as variações de estilos do barroco.

No decorrer dos séculos, artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519), conhecido por representar a aproximação entre a arte e a ciência, incluiu as invenções na arte pictórica, rompendo com os padrões dominantes na forma de perspectiva.

Após a independência da religião, a arte pictórica mudou-se para as telas, tornando-se portátil, necessitando de locais para que fosse armazenada, preservada e exposta. Assim, surgiram museus e a conscientização de documentar os escritos da História da Arte no Ocidente.

Em relação a imagem da paisagem, no século XVII a utilização da técnica de pintura desenvolvida pelo artista propunha uma maneira particular de representar o real a partir da preferência do pintor e das suas emoções. Nessa época o tema mais frequente era a representação da sociedade burguesa que tinha condições de financiar as obras dos artistas, porém, havia artistas que buscavam novas soluções para o seu ofício.

A partir do século XIX, a paisagem passou a fazer parte da produção artística como um conteúdo, quando o pintor evoluiu tecnicamente passando a valorizar o cotidiano como tema para o trabalho. Durante alguns anos, a paisagem era representada como um mero acessório estético.

A paisagem era utilizada para preencher o fundo de uma temática principal. No início da Idade Moderna, no Renascimento o homem era destacado nas pinturas por alguns aspectos naturais de maneira bem sutil por detrás de sua figura.

No século XIX, a pintura de paisagens estava cada vez mais se tornando a mais importante vertente da arte no século. Segundo Gombrich (1999, p.507), os artistas paisagistas foram responsáveis pelas mudanças do tema da pintura, despertando em outros a coragem para distanciar-se dos padrões vigentes da época para retratar a realidade com maior veracidade.

Percebe-se que ao longo da história da Arte, os artistas desenvolveram diferentes técnicas experimentando vários materiais plásticos, destacando em suas obras diversas temáticas, dentre elas a paisagem, notando-se nas pinturas o posicionamento estético em que os quadros contemplavam uma certa elite da época.

Com referência ao uso da pintura da paisagem, Ferraz (2009, p .31) destaca que:

Exercitar a leitura das “qualidades estéticas” do olhar geográfico sobre a paisagem a partir da análise das pinturas é um caminho possível e altamente enriquecedor para o processo de discussão entre as



ordenações espaciais da sociedade, do cotidiano e do mundo como um todo, em suas diversas expressões paisagísticas (FERRAZ, 2009, p. 31).

As pinturas das paisagens apresentadas nos livros didáticos podem ser exploradas para problematizar sobre algum aspecto representado em uma determinada época, a fim de perceber também as intenções do artista.

Como destacado por Santaella (2012, p. 34), a pintura não é exclusiva das artes visuais como ocorreu durante séculos, mas a relevância delas não desapareceu em alguns pontos de vista, entre eles, “o território privilegiado para a aprendizagem da leitura de imagens”.

As imagens de obra de arte apresentadas em livros didáticos propiciam ao aluno conhecer também outras maneiras de olhar a paisagem, auxiliando-a na percepção, além de trabalhar a interdisciplinaridade.

#### **4.3.2. A fotografia**

A fotografia surgiu por volta dos séculos XVII e XIX, em substituição à técnica da pintura e a partir dos trabalhos de Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) e Nicephore Niépce (1765- 1833) que desenvolveram experimentos com finalidade de fixar a imagem.

As técnicas de impressão e reprodução da imagem se aperfeiçoaram com as experiências de Daguerre, que havia padronizado o processo de fixação da imagem com uma solução composta de sal de cozinha, inventando assim o daguerreotipo. As pesquisas se aperfeiçoaram com outros cientistas conforme destacado por Costa (2005, p. 75):

Ao decorrer do século XIX, os cientistas europeus tornaram o processo cada vez mais simples, as máquinas ficaram mais leves e compactas e o processo passou a ser mais rápido, podendo até registrar os corpos em movimento. Os filmes de rolo, em película flexível, substituíram a chapa de vidro e, finalmente as máquinas passaram a ser portáteis (COSTA, 2005, p. 75).

Com a ideia de se fotografar apenas com um clique, George Eastman, norte americano de Nova York, criou a Kodak na década de 1890, uma máquina pronta para usar um rolo com até 100 exposições, um obturador acionado por cordão e disparado por um botão (COSTA, 2005, p. 75).

Uma das abordagens relevantes ao advento da fotografia é a representação do real e a imersão no social. Anteriormente, os artistas eram responsáveis pelo registro da realidade. Segundo Argan (1992, p. 78) com a difusão da fotografia, muitos serviços sociais passam do pintor para o fotógrafo (retratos, vistas de cidades e de campos, reportagens, ilustrações etc.). Assim é atribuído ao fotógrafo a responsabilidade pelas cenas de paisagem ampliando o olhar nesse conceito. No entanto, a fotografia utiliza ou guarda em si uma subjetividade que são as escolhas de quem a realiza.

Argan (1992, p. 79) comenta que: “[...] o fotógrafo também manifesta suas inclinações estéticas e psicológicas na escolha dos temas, na disposição e iluminação dos objetos, nos enquadramentos, no enfoque.” Desse modo, o fotógrafo expõe o seu olhar a partir de um determinado contexto, idealizando a fotografia a partir de si, canalizando o conhecimento para a possibilidade apresentada, sendo a fotografia, assim como as pinturas nas obras de artes, mantenedora de um olhar subjetivo quanto ao objeto representado.

A difusão da fotografia na sociedade modificou a função do desenhista e pintor, pois era um registro de maneira mais rápida e fácil, além de ter um custo menor do que as pinturas. Aos poucos, a popularização desta tecnologia permitiu a um grande número de pessoas o acesso à produção fotográfica.

Conforme Aumont (1993), desde os primórdios a fotografia tem como função ou uso social mais difundido a reprodução da realidade.

Aumont (1993, p.127) recorre a Roland Barthes no seu livro *A imagem*, abordando a relação do espectador com a imagem fotográfica. Para Aumont (1993), Barthes ressalta a oposição entre duas maneiras de apreender uma mesma fotografia, o que denominou de foto do fotógrafo e foto de espectador. Na primeira, é empregada a informação contida na própria foto, o que chama de *studium*; a segunda utiliza-se do acaso, as associações subjetivas, em que descobre um objeto não codificado, o *punctum*.

Neste sentido, as fotografias podem apresentar uma mensagem denotada, ou seja, a objetividade, a representação do real sem modificações; e a mensagem

conotada, resultante da ação de quem criou por meio da escolha do ângulo e do enquadramento da foto.

Entende-se que a fotografia ainda é tida por muitos como a representação fiel da realidade, e esta também é objeto de lembranças, mantendo também uma certa ideia de credibilidade, mas com os avanços tecnológicos no cotidiano, esta é passível de manipulação.

No ambiente escolar os educandos convivem com este tipo de imagem, já que são produtores e consumidores, pois a “arte de fotografar” está presente também nos aparelhos celulares. E além disso, é o tipo de imagem que aparece com mais frequência nos livros didáticos, por este motivo, é importante que o educando também entenda como pode-se realizar a leitura desta.

### **4.3.3. Infográfico**

Os livros didáticos vêm apresentando no seu projeto gráfico, imagens cada vez mais atrativas. Com o avanço tecnológico, são utilizadas ilustrações que privilegiam as informações de maneira mais ágil e que alcance o interesse do educando.

Atualmente, a utilização de diferentes tipos de linguagem traz à tona um novo tipo textual que é muito comum nas práticas sociais cotidianas: o texto multimodal. Para a Teoria da Multimodalidade, o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico (CALEGARI; PERFEITO, 2013, p. 293).

De acordo com Calegari e Perfeito (2013, p. 295), o termo infográfico vem do inglês *informational graphics*. Este passou a ser utilizada para designar representações gráfico-visuais que relatam algum evento ou processo.

Quattrer e Gouveia (2013, p. 35) salientam que, os infográficos têm se demonstrado uma importante ferramenta para a mídia impressa e digital pelo potencial de tornar a estrutura da matéria mais dinâmica e atrativa e facilitar a compreensão da informação, permitindo que a ideia principal seja captada em pouco tempo.

Souza e Giering (2010, p. 299) explicitam as características que definem o infográfico com maior precisão:

[...] a saber, o infográfico é uma textualização multimodal ou sincrética, em palavra e imagem que: i) dá significado a uma informação plena e independente; ii) proporciona compreender um evento ocorrido; iii) tem elementos icônicos precisos e forma tipográfica informativa; iv) sintetiza e complementa a informação verbal; v) proporciona certa sensação estética, não imprescindível; vi) não contém erratas ou incoerências. (SOUZA; GIERING, 2010, p. 299)

Por se tratar de um recurso que aborda diferentes códigos, os infográficos, assim como outras ferramentas tecnológicas e digitais existentes podem oferecer diversas potencialidades educativas, possibilitando também a alfabetização visual.

Ainda são encontrados poucos estudos sobre a utilização dos infográficos na educação, e especificamente no livro didático, mas percebe-se que este é uma realidade nas publicações já que é um recurso de maior facilidade e pode ser confeccionado diretamente sem a necessidade de autorização de direitos autorais, como é o caso da fotografia e das obras de arte.

#### **4.3.4. Desenho**

O desenho talvez seja uma das formas de linguagem mais antigas de se comunicar, por ter sido uma necessidade de expressão antes da existência da escrita. Assim, também é conhecido como uma imagem passível de ser interpretada pelos diversos significados que podem ser apresentados.

De acordo com Souza, Trinção e Lima (2012, p. 2), o desenho constitui-se como a manifestação da arte e se caracteriza como expressão do sujeito com um ser social, além disso é um tipo de comunicação e representação do que é vivenciado pelo indivíduo.

Na opinião de Santos (2006, p. 206), o desenho é a representação de uma imagem ou de várias imagens, em que são criados pensamentos complexos. Para o autor, a percepção da paisagem por meio do desenho é um fundamental no processo de compreensão.

O desenho como arte costuma expressar os sentimentos de um artista com relação a um tema, assim, também é um tipo de imagem que merece atenção por apresentar essa característica.

O Desenho é imagem e é linguagem, portanto, tem intento e propósito. Enquanto registro histórico está relacionado com as preexistências e condensa imagens e significados multifacetados. É um sistema complexo, e a condição para ser analisado é a revisão antecipada de dois processos: o de sua execução e o de sua transmissão. [...] os registros visuais permitem uma construção histórica, no entanto esta deve tanto aceitar as lacunas, quanto apontá-las ao leitor, permitindo que este também dialogue com temporalidades distintas. O Desenho, em uma de suas variadas formas de representação tem, na história da humanidade, um papel fundamental. É quem traduz a experiência criativa de conformar a imagem desejada ou imposta (OLIVEIRA; TRINCHÃO, p. 131).

O desenho é uma imagem que expõe a criatividade e na história teve fundamental importância, além disso, é um processo de criação visual que tem propósito.

De acordo com Wong (1998), a criação de um desenho não pode ser somente estética, mas também deve ser funcional e refletir um prazer de seu tempo. Para o autor, a interpretação da linguagem visual constitui a base do desenho.

Aliar a paisagem com o desenho, é propiciar ao educando trabalhar as suas potencialidades na representação dos espaços que são vivenciados no seu cotidiano.

Assim, o desenho tem uma função importante no processo ensino-aprendizagem por ser uma linguagem mais acessível ao educando e também influencia na produção de conhecimento.

No item a seguir, prosseguiremos com o processo de codificação das imagens.

#### **4.4. A codificação das imagens**

A codificação das imagens tem como objetivo facilitar a localização destas nos livros didáticos selecionados. Para a codificação optamos pela criação de um código composto por letras e números separados por um ponto, onde: as cinco primeiras letras se referem ao livro da coleção selecionada seguido de um número (ver Quadro 2), a segunda letra se refere a localização das imagens na Unidade do livro, sendo a letra A, para abertura de unidade; a letra B para chamada de capítulo; a letra C, para subitem de capítulo; a letra D para textos complementares e a letra E para atividades ou exercícios. O terceiro número corresponde à página onde a imagem está inserida

e o quarto e último número é o número da imagem na página, que define se é a primeira, segunda, terceira ou quarta imagem da página.

Por exemplo, a imagem cujo código é **LDGeo1.C.28.1**, quer dizer que está localizada no livro didático 1, é uma imagem de subitem de capítulo, que está na página 28 e é a primeira imagem da página.

No próximo item, prosseguiremos com as análises das imagens selecionadas para esta dissertação.

#### **4.5. Paisagem e imagem: a análise das imagens nos livros didáticos de Geografia**

As categorias de análise a serem utilizadas, se baseiam na concepção proposta por Milton Santos. Isso se justifica por ser o conceito de paisagem deste autor, o mais abordado nos livros didáticos de Geografia.

Ao refletir sobre o conceito de paisagem de acordo com a concepção de Santos (2014, p. 67), acreditamos que o mesmo fundamenta as categorias do método geográfico que são: estrutura, processo, função e forma, ou seja, fazer a relação do espaço com o meio natural e com a sociedade, mas também compreender o porquê esta transforma o espaço geográfico. Para Maciel e Marinho (2012, p.16), dessa forma, é necessário que ocorra uma abordagem centrada no espaço, de acordo com as seguintes características:

**FORMA:** vai se referir ao aspecto visível, ao que se vê do espaço, ou seja, a própria paisagem;

**FUNÇÃO:** pretende decompor o espaço com seus elementos – oferta e demanda, transporte, infraestrutura, serviços, gestão, entre outros – mediante uma análise sincrônica, ou seja, captando sua participação na totalidade, num determinado momento ou em um intervalo de tempo historicamente determinado;

**ESTRUTURA ESPACIAL:** pretende expressar a dependência mútua entre as partes do todo. Exemplo: dados estatísticos entre oferta e demanda; e,

**PROCESSO ESPACIAL:** corresponde a uma categoria de análise diacrônica, objetivando investigar a evolução da estrutura que se transforma. Procura captar o dinamismo do espaço que pode apresentar fases de estabilidade, de pequenas mudanças ao se reestruturar, ou, então, passar por completas transformações produzindo-se novos espaços (MACIEL; MARINHO, 2012, p. 16).



Todas as características da paisagem ao serem analisadas na perspectiva do estudo das imagens, nos levam a pensar que a forma está vinculada a denotação e as outras três a conotação, no entanto, devemos lembrar que a compreensão destas dependem da inserção do leitor em um determinado meio cultural.

Em seguida apresentaremos as análises de algumas imagens das coleções selecionadas. A Figura 9 apresenta uma imagem do livro LDGeo1 que será a primeira a ser analisada, a partir das categorias forma, função, estrutura espacial e processo espacial estabelecendo a relação entre a conotação e a denotação da imagem e a influência da corrente teórica da Geografia.

**Pausa para o cinema**

**Os sem-floresta.**  
Direção: Tim Johnson e Karey Kirkpatrick. Estados Unidos: Dreamworks, 2006. Duração: 83 min.  
Nesta ficção, os animais de uma floresta percebem que o lugar em que vivem está cercado por um condomínio residencial. A animação mostra a rápida transformação de um espaço natural em geográfico, sem que haja a devida consciência ecológica.

## 2 Paisagem

Quando se fala em paisagem, muitas vezes o que vem à mente é a vista de um ambiente onde se pode apreciar a natureza, como se vê em algumas pinturas e gravuras (figura 3).

Para a Geografia, o conceito de paisagem tem um significado mais abrangente. Segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos, paisagem é aquilo que a nossa visão alcança, tudo o que está presente no espaço, não apenas a natureza, mas também elementos criados pelo ser humano.



**Figura 3.** Paisagem do Rio São Francisco, feita pelo pintor holandês Frans Post (1612–1680) em sua estada no Brasil na primeira metade do século XVII.

**Figura 9-** Exemplo da imagem livro Expedições Geográficas  
Código da imagem (LDGeo1.B.16.1)

A imagem do LDGeo1, mostra uma pintura do Rio São Francisco no século XVII, em que são destacados elementos naturais como as rochas, o lago, a vegetação e um animal e ao fundo a presença de um navio, aspectos denotativos da imagem. A

pintura é um tipo de imagem que está presente nos livros didáticos de Geografia, e por vezes, repetida em outras publicações da área.

Myanaki (2003, p. 9), em sua dissertação de mestrado na qual dialoga com a Arte e a Geografia no estudo da paisagem, destaca a importância de estudá-la como um caminho para descobrir conjuntamente os elementos que interagem na construção do espaço. A autora enfatiza que “associar os elementos às paisagens pintadas por artistas brasileiros pode ser uma forma de ampliar a percepção da paisagem, além de um esforço em desenvolver o interesse e a motivação dos alunos para as manifestações artísticas nacionais ” (MYANAKI, 2003, p. 9).

É importante que as imagens nos livros didáticos também estabeleçam uma aproximação com outras disciplinas, para auxiliar o aluno a desenvolver a sua análise sob variados aspectos e amplie o seu campo de visão.

Outro ponto a ser destacado é que, um artista no momento de realizar uma pintura, tinha alguma intenção ao olhar uma paisagem. A época (século XVII) em que a imagem LDGeo1.B.16.1 foi pintada era comum os viajantes serem acompanhados de um pintor ou desenhista para registrar os momentos de estada em uma local. Sendo assim, poderíamos inferir que alguns elementos contidos na pintura podiam não se encontrar no lugar, o que seria fruto de uma imaginação do artista, ou então consistiria em um recurso para enfatizar a estética da paisagem.

O Quadro 4 apresenta as análises da imagem LDGeo1.B.16.1, seguindo as categorias teóricas do geógrafo Milton Santos para o conceito de paisagem e com referência a imagem serão explorados os níveis denotativo e conotativo das possíveis leituras segundo Aparici (2006).



Quadro 4 -Análise da imagem 1 do LDGeo1

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
LDGeo1.B.16.1	<p><b>Título do capítulo ou seção:</b></p> <p>Espaço e paisagem</p>	Pintura	<p><b>Aspectos denotativos da imagem</b></p> <p><b>Forma:</b> destaque para os aspectos visíveis: rio, vegetação, animal e rochas.</p> <p><b>Estrutura espacial:</b> só há o destaque de elementos naturais;</p>	<p><b>Aspectos conotativos da imagem</b></p> <p><b>Função:</b> pode ser uma área de lazer</p> <p><b>Processo espacial:</b> pode-se observar que houve transformação na paisagem, pela ação dos ventos e da água, por exemplo.</p>	Ênfase aos aspectos naturais

Utilizando os aspectos conotativos da imagem, poderiam ser destacados a dinâmica do Rio São Francisco ao longo dos anos, sendo assim, o autor poderia colocar uma outra figura mostrando as transformações pela qual o rio passou, já que este é alvo de muitas polêmicas, o que auxiliaria no debate com os educandos, quando o professor aplicasse o conteúdo.

A próxima imagem a ser analisada está localizada no mesmo livro (LDGeo1) em que são apresentadas duas imagens, mas por estarem na mesma página e possuírem o mesmo contexto, elas serão analisadas conjuntamente.

As duas imagens destacam a Catedral da Sé que foi construída em um modelo denominado de Neogótico, no centro da cidade de São Paulo. A imagem da Catedral é exibida sob dois ângulos diferentes, de um lado destaca-se a fachada principal e de outro lado a visão oblíqua do telhado da catedral.<sup>16</sup> (Figura 10)



**Figura 10-** Exemplo 2 do LDGeo1

Código das imagens: LDGeo1.C.16.2 e LDGeo1.C.16.3

Santos (2014, p. 89) destaca que, a paisagem alcança diferentes escalas e manifesta-se de maneiras diversas segundo o lugar que estejamos, aprimorando-se quanto mais se sobe a altura, pois desse modo extinguem-se os obstáculos à visão, e o horizonte apreendido não se rompe, isto significa que os sentidos produzidos pelos

16 Segundo Dias (2008, p.101) o modelo neogótico consentia como uma práxis aberta, em que adaptavam -se os novos materiais e tecnologia para a evolução das construções. “No Brasil, o Neogótico surge no século XIX após a chegada da Família Real Portuguesa. Os seus valores como corrente artística foram agregados a outras linguagens surgidas neste século” (DIAS ,2008, p.102).

leitores, ao lerem essa imagem, dependem da forma como ela foi produzida, ou seja a intencionalidade do autor, nesse caso os autores dos livros que queriam ensinar um conceito.

Podemos dizer que, a percepção contribui no envolvimento das pessoas com as paisagens/imagens com que elas convivem e experienciam. A percepção de um indivíduo pode ser influenciada ao olhar uma fotografia em diferentes ângulos, já que esta foi tirada com uma intenção, também podemos destacar que a Catedral da Sé trata-se de um monumento de representatividade artística e cultural na cidade de São Paulo.

No Quadro 5, será analisada a Figura 10, com as interpretações das imagens conjuntamente.

Quadro 5- Análise da imagem 2 do LDGeo1

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
LDGeo1.B.16.2  LDGeo1.B.16.3	Título do capítulo ou seção:  Espaço e paisagem	Fotografia	<b>Aspectos denotativos da imagem</b>  <b>Forma:</b> destaque para os aspectos árvores, prédios, pessoas	<b>Aspectos conotativos da imagem</b>  <b>Função:</b> área pública, turística  <b>Estrutura espacial:</b> circulação de pessoas, mostrando a dinamicidade da paisagem  <b>Processo espacial:</b> as transformações do espaço são observadas	Ênfase na observação dos diferentes ângulos

Quanto aos aspectos denotativos, percebe-se que a imagem apresenta um ambiente urbano de grande circulação e destaque na cidade de São Paulo. A posição que a fotografia foi apresentada, destaca a Catedral da Sé por sua representatividade. Com relação aos aspectos conotativos, subtende-se que a presença de monumento em um local também tem cunho ideológicos e políticos. No caso, a visão oblíqua disciplina o olhar para outra perspectiva.

Também podemos apoiar na influência da Geografia da Percepção ao olhar estas imagens, pois como a proposta do autor é observar a paisagem em diferentes ângulos, logo, cada pessoa nota uma cidade de modo diferente de acordo com a vivência que possui nela, expressando também os sentimentos.

Para Lopes (2012, p.28) se considerarmos que a paisagem é uma porção do espaço captada pelo olhar, não podemos esquecer, todavia que a sua captação não se faz passivamente, mas nós organizamos e tecemos os mesmos sentidos, desse modo, a paisagem apreendida é construída na medida em que atribuímos a mesma uma significância.

A Figura 11 representa duas imagens retiradas do livro LDGeo2, assim como no exemplo anterior, é analisada conjuntamente devido ao contexto em que foram apresentadas.



E. F. SCHUTEMUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO  
ASSIS CHATELBRAND - MASP



ZE ZUPPANI/USF/IMAGENS

Foto à esquerda, pintura de Frans Post: *Cachoeira de Paulo Afonso – Pernambuco* (1850). À direita, praia em Bertioga (SP), com lixo vindo do mar, em 2010.

**Texto e ação**

1. Observe os vários lugares por onde você costuma passar e responda:
  - a) Você consegue perceber, em algum desses lugares, elementos que demonstrem desigualdade social?
  - b) Descreva a paisagem desse lugar citando o maior número de elementos que você pode observar.
2. Observe as três imagens que ilustram esse item do capítulo e responda:
  - a) Ao observar essas imagens, o que mais chamou sua atenção?
  - b) No município onde você mora, há alguma paisagem parecida com essas?

**Figura 11-** Exemplo de imagens do livro *Projeto Teláris* (Códigos das imagens LDGeo2.C.16.1 e LDGeo2.C.16.2)

O Quadro 6 descreve a análise da imagem do LDGeo2, destacando as interpretações desta.

Quadro 6- Análise da imagem do LDGeo2

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
			Aspectos denotativos da imagem	Aspectos conotativos da imagem	
LDGeo1.C.16.1	<b>Título do capítulo ou seção:</b>	Pintura e fotografia, respectivamente	<b>Forma:</b> destaque para os elementos naturais, a presença humana também é observada;	<b>Função:</b> Pode se inferir que a primeira e a segunda fotografias tem uma função turística ou de área de lazer	Apresentar as diferentes paisagens existentes no espaço geográfico
LDGeo1.C.16.2	A paisagem e as desigualdades sociais				

Nas imagens observadas na Figura 11, observa-se uma pintura e uma fotografia, destacando o contraste entre as duas paisagens, sendo que em uma nota-se uma natureza exuberante e em outra o lixo invadindo a praia através ondas do mar.

Santos (2014, p.71) ressalta que, se no passado existia a paisagem natural, no presente ela não é mais dotada dessa característica, mas se algum local não foi apropriado pelo homem, este é alvo de interesses políticos e econômicos.

Nestas imagens do LDGeo2, podemos fazer uma associação ao cotidiano e também trabalhar com os sentimentos, opiniões e o sentido de pertencimento presente numa paisagem, principalmente na segunda fotografia que em alguns casos, essas cenas são repetidas nas praias.

Como destacado no Quadro 5, a proposta do autor do LDGeo2, com o uso das imagens, é mostrar que no espaço geográfico existem diferentes paisagens. Pode-se explorar que estas são alvo de transformações ao longo do tempo, e que o contraste destacado nas duas imagens, envolvem também questões sociais e políticas quanto formas realizar o uso dessas paisagens.

Conforme Santos (2006, p.45), a partir do reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares. Assim, nas imagens podemos explorar o caráter polissêmico, ressaltando as relações de produção existentes do homem com o espaço onde vive.

Na imagem (Figura 12), nota-se que os aspectos visíveis dos elementos naturais presentes na paisagem, como as rochas, a água e a vegetação são destacados, ou seja, relativo a denotação da imagem. Por outro lado, também, podemos considerar aspectos que não estão visíveis, como o barulho da cachoeira, os odores, além do processo de erosão que ocorre com o decorrer do tempo, que são os aspectos conotados da imagem. Ainda há o predomínio da concepção de natureza com relação à Geografia Tradicional, em que ainda há uma visão fragmentária desta. De acordo com Moreira (2014, p. 48) compreender o processo de formação totalitária da natureza é concebê-la como a soma de cada fenômeno, um a um, numa cadeia lógica de sucessão causal.

Até podemos considerar os aspectos bucólicos, mas o conceito de paisagem para a Geografia, não são associados somente aos elementos naturais e culturais, ela é composta também da interação entre os eles. “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada pela fração de ambas, seja



quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério” (SANTOS, 2014, p. 71).



**Figura 12-** Exemplo de imagem do livro Projeto Araribá  
Código da imagem (LDGeo3.C.12.1)

Não é observada na Figura 12 a presença humana, mas como a imagem tem o caráter polissêmico, pode-se inferir que a utilização pode ser feita por pessoas em atividade de lazer. Uma pessoa ao visualizar a imagem, pode imaginar que esta nunca foi tocada e que se trata de uma paisagem preservada.

No Quadro 7, a análise da imagem LDGeo3.C.12.1, apresenta a relação da paisagem com espaço, nela são destacados os aspectos naturais.

Quadro 7- Análise da imagem do LDGeo3

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
LDGeo3.C.12.1	<p><b>Título do capítulo ou seção:</b></p> <p>Paisagem, espaço e lugar</p>	Fotografia	<p><b>Aspectos denotativos da imagem</b></p> <p><b>Forma:</b> destaque para os aspectos visíveis: vegetação, rochas e o rio;</p>	<p><b>Aspectos conotativos da imagem</b></p> <p><b>Função:</b> pode ter uma função turística ou de lazer</p> <p><b>Estrutura espacial:</b> destaque para os elementos naturais e dinâmica da paisagem</p> <p><b>Processo espacial:</b> observa-se a transformação da paisagem pelos processos naturais, ação dos ventos e da água, por exemplo</p>	Destacar os elementos naturais da paisagem

Para Bertoli (2012, p. 15) a motivação estética pressupõe a existência de um pré-julgamento, uma noção do que é agradável, tomando assim, por suas contradições e toda a gradação que ali está envolvida. Assim, também há de se considerar que em algumas paisagens dita “naturais”, a intervenção humana é menor, enquanto que em outras por serem de difícil acesso, ainda encontram-se preservadas.

Apesar de retratar a realidade, a fotografia não consegue abarcar todos os elementos da paisagem, pois esta é tirada a partir de uma intenção do que pretende-se observar.



Figura 6. Mineradora de zinco em Itaguaí (RJ, 2008).

Figura 7. Plataforma de petróleo na costa de Long Beach (Estados Unidos, 2010).

**Figura 13-** Imagem do Livro Projeto Araribá  
(Códigos das imagens LDGeo3.C.15.1 e LDGeo3.C.15.2)

Nestas imagens (Figura 13), podemos observar dois tipos de atividades econômicas do setor secundário, uma mineradora e uma plataforma de petróleo. O autor do LDGeo3 utiliza a imagem para mostrar a influência do homem na transformação da paisagem.

Percebe-se que as fotografias da Figura 13 apresentam realidades distintas, porém com várias questões a serem exploradas, como por exemplo, os tipos de atividades econômicas exercidas pelo homem na paisagem e as diferentes formas de produção. Outras questões que poderiam ser abordadas ao olhar a imagem: quais os

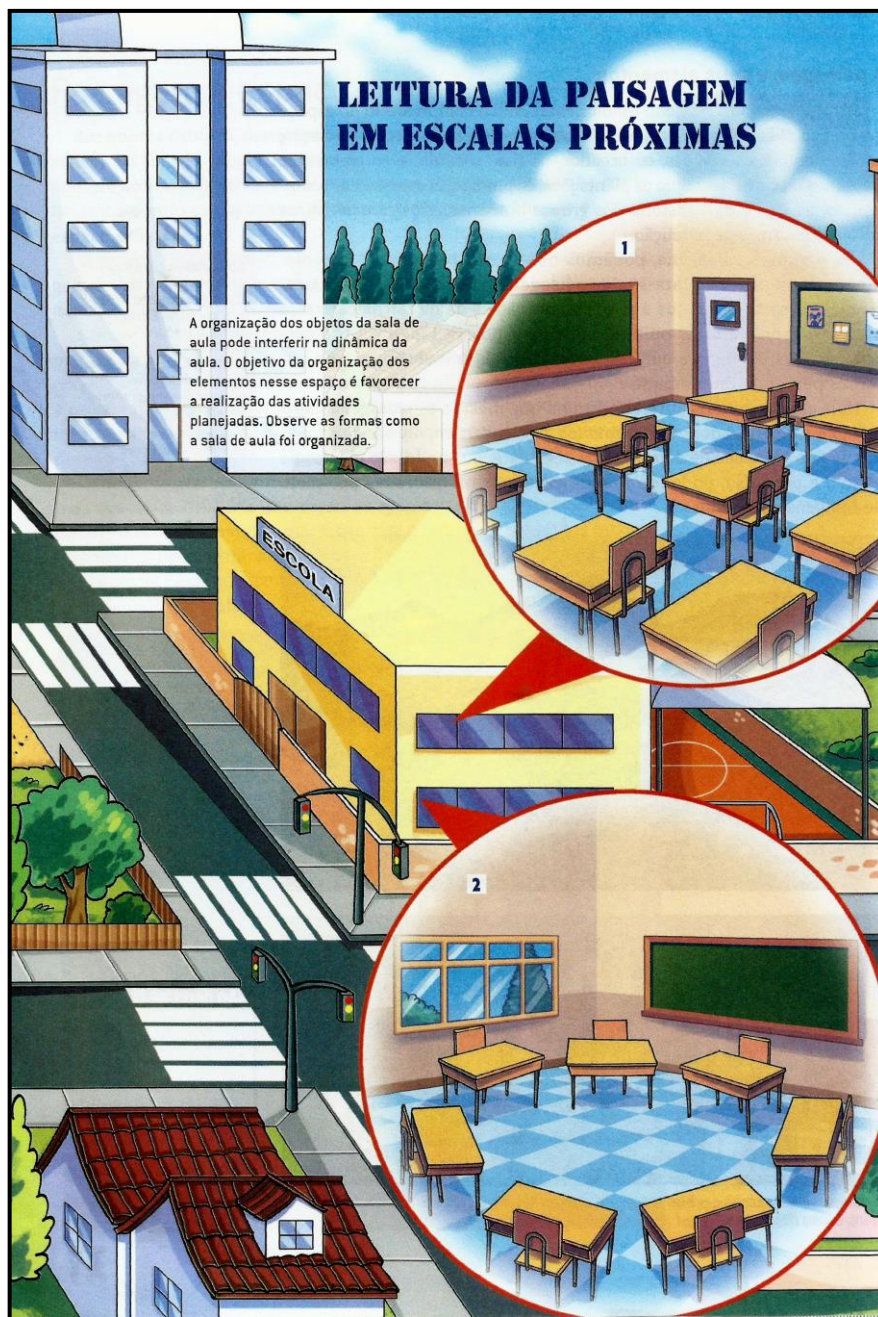
objetivos que propiciaram a instalação da mineradora no município em que está inserida? Quais as causas e consequências da instalação desta? Joly (2010, p.16) utilizando Barthes no seu livro *Introdução à análise da imagem* complementa que para uma sociedade determinada e uma história determinada, nada retira o fato de que, uma imagem quer sempre dizer outra coisa para lá daquilo que ela representa em primeiro grau, isto é, ao nível da denotação.

Já no caso da plataforma de petróleo da Figura 13, poderiam ser explorados aspectos o objetivo de se instalar numa determinada área; já que é um recurso que movimenta a economia de determinados países ou regiões, além disto, poderia ser abordado os riscos a que os trabalhadores estão expostos; o processo de formação, dentre outros aspectos.

Numa só imagem poderiam ser abordadas múltiplas questões, sem esquecer de explorar a subjetividade do aluno ao olhar estas imagens. Santos (2014, p. 74) afirma que o homem constrói novos modos de produção, reunindo um sistema de objetos e sistemas sociais. Assim, compreende-se que a paisagem se caracteriza por diversas transformações, também na sua cadeia produtiva.

No exemplo a seguir (Figura 14), a imagem apresenta um infográfico composto de desenhos de uma cidade, em que a escola é destacada mostrando duas maneiras de organização da sala de aula. A imagem do infográfico no livro didático, apesar de não ser muito recorrente, é importante para auxiliar o aluno no reconhecimento da paisagem e o aproximando da realidade, principalmente os que estão no 6º ano do Ensino Fundamental, que estão iniciando o conceito de paisagem numa forma mais aprofundada.





**Figura 14-** Exemplo de imagem do Livro Jornadas Geo  
Código da imagem (LDGeo4.E.18.1).

É importante destacar a vivência mais próxima da realidade do aluno, porém, o profissional que elaborou o infográfico, não inseriu nenhuma criança ou adolescente no desenho. Neste aspecto poderíamos sugerir que se houvesse a presença de pessoas no local, destacaria a interação do educando com o meio em que vive.

A seguir será analisado o infográfico (Quadro 8), destacando respectivas reflexões sobre este tipo de imagem.

**Quadro 8- Análise da imagem do LDGeo4**

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
LDGeo4.E.18.1	<p>Título do capítulo ou seção:</p> <p>Paisagem e espaço geográfico</p>	Infográfico	<p><b>Aspectos denotativos da imagem</b></p> <p><b>Forma:</b> destaque para os aspectos visíveis: prédios, casas, ruas, vegetação, sinalização de trânsito;</p> <p><b>Função:</b> Residencial e comercial; pública</p>	<p><b>Aspectos conotativos da imagem</b></p> <p><b>Estrutura espacial:</b> o papel da escola na sociedade</p> <p><b>Processo espacial:</b> pode-se observar que houve transformação na paisagem, além desta cumprir diferentes funções;</p>	Levar o aluno a realizar a leitura da paisagem;

Para Santos (2006, p. 189), os desenhos envolvem momentos de percepção, construídos sucessivamente (pela ação) resultando numa expressão gráfica. A compreensão da natureza dessa ação envolve a percepção e a representação gráfica, na tentativa de traduzir este ato.

Callai (2005, p.238), incorpora a questão da leitura da paisagem no Ensino Fundamental de Geografia, resguardando a ideia de que a leitura do aspecto das paisagens possibilita desenvolver no aluno a capacidade de ler os significados que elas expressam.

Destacando os aspectos conotativos da imagem, podemos dizer que o educando estando presente na paisagem, interage com ela, pois o espaço ocupado por ele, remete-se a sua memória, a sua história, bem como a identificação com o espaço vivido. A ligação entre paisagem e o cotidiano do aluno é uma das formas de contribuir para sua aprendizagem. Dentro desta concepção, Milton Santos (1986, p. 97) assegura que:

[...] são as paisagens que mostram, por meio de sua aparência, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utilizam tais recursos. Assim, ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos e sons. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções expressas nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos (SANTOS, 1986, p. 97).

A escola é o local em que o educando passa grande parte de sua trajetória de sua vida, é o ambiente em que produz e recebe conhecimentos, além de ser um espaço de convivência, em que descobre amizades. Isto significa que no espaço, o aluno também carrega uma dimensão afetiva.

Sobre as diversas possibilidades de exercitar a leitura de imagens da paisagem, Coelho (2008, p.20), destaca que:

A possibilidade de exercitar a leitura de imagens como instrumento na interpretação da paisagem mostra-se uma experiência muito enriquecedora, pois, a paisagem sendo interpretação, se oferece à leitura como forma de interpretá-la em busca de extrair suas informações. [...]. Ao decifrar os múltiplos significados de uma paisagem, abre-se uma porta que permite compreender diversos processos sociais e culturais, bem como trazer à luz as evidências que



nos informam sobre os significados contidos em uma paisagem. (COELHO, 2008, p. 20)

O trabalho com as imagens também é importante para desenvolver a percepção do educando, para assim sentir e reconhecer, no cotidiano, os elementos sociais, culturais e naturais que o configuram o espaço geográfico.

Prosseguindo nas reflexões, passaremos para as análises das imagens do LDGeo5.



**Figura 15-** Exemplo de imagem do livro *Geografia, Espaço e Vivência*  
Código das imagens (LDGeo5. C.18.1; LDGeo5. C. 18.2 e LDGeo5.C.18. 3)

As imagens (Figura 15) apresentam a paisagem em três momentos diferentes, a primeira, uma construção de uma ponte, a segunda, a visão de uma estação



espacial e a terceira, a utilização de um arado em uma plantação, constituindo assim os aspectos denotativos da imagem.

Com relação aos aspectos conotativos, a imagem LDGeo5.C.18.1, nota-se que a construção da ponte chama a atenção pela grandiosidade que apresenta, que é logo destacado no ângulo em que a foto foi tirada. Já na imagem LDGeo5.C.18.2 é representada o enaltecimento da tecnologia com a presença de uma estação espacial e na LDGeo5.C.18.3, em primeiro plano, a pessoa que manipula um animal é destacado em relação aos outros que estão ao fundo da fotografia, o que poderia estar em outra posição.

Percebe-se que as imagens da Figura 10 demonstram que há diversidades de paisagens e que há diferentes técnicas para a transformação do espaço. O homem utiliza as técnicas para modificá-las, segundo a necessidade de um dado momento do cotidiano.

Como as três compõem o mesmo assunto da página, optou-se por analisá-las conjuntamente as quais serão apresentadas no Quadro 9.

Quadro 9- Análise da imagem do LDGeo5

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
<p>LDGeo5. C.18.1 LDGeo5. C. 18.2 LDGeo5.C.18. 3</p>	<p>Título do capítulo ou seção:</p> <p>O lugar, as paisagens e o espaço geográfico</p>	<p>Fotografia</p>	<p><b>Aspectos denotativos da imagem</b></p> <p><b>Forma:</b> LDGeo5.C.18.1 Ponte, barcos, vegetação, pessoas, água</p> <p>LDGeo5.C.18.2 Nave espacial</p> <p>LDGeo5.C.18.3 Pessoas, animais, vegetação e água</p>	<p><b>Aspectos conotativos da imagem</b></p> <p><b>Função:</b> comercial e técnica</p> <p><b>Estrutura espacial:</b> o uso de diferentes técnicas na sociedade</p> <p><b>Processo espacial:</b> comparação entre os diferentes tipos de técnicas</p>	<p>Mostrar a transformação da paisagem através das diferentes técnicas</p>

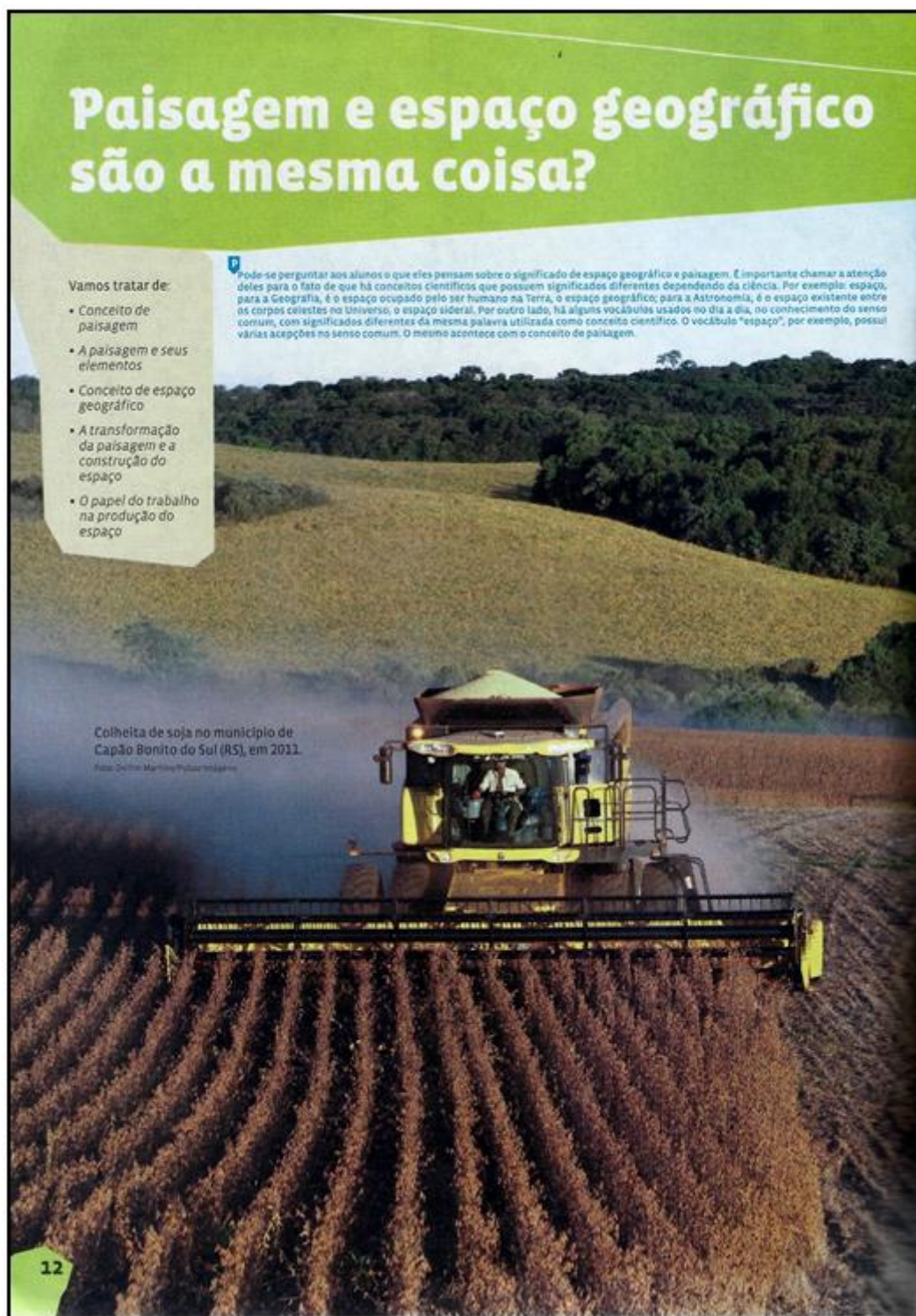
Conforme Santos (2014, p. 74), o trabalho humano se complexifica porque as maneiras de realizá-lo são diferentes em cada momento histórico, exigindo-se que se adeque às inovações. Isto significa que as diferentes formas de trabalho são modificadas devido às novas técnicas surgidas em um dado momento e substituem-se por outras. Sobre esse aspecto Santos (2014, p.74) afirma que “a paisagem não é dada para todo sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas”.

Gouvêa e Oliveira (2013, p. 3) explicam que a técnica e tecnologia como produção humana, estão carregadas de sentido ideológico, aspecto que as vinculam à ciência, não por serem um produto científico, mas sim por constituírem uma prática social, como a ciência, carregada de sentido ideológico, social e historicamente localizado.

Explorando os aspectos conotados das imagens, poderiam ser enfatizados a questão da sofisticação de determinadas técnicas e a implantação do uso da tecnologia, e o porquê da criação da transformação destas em algumas atividades econômicas, e que ainda existem sociedades que utilizam as técnicas rudimentares.

Também há de se ressaltar a partir das imagens, que nem todos os lugares do mundo utilizam a tecnologia de forma homogênea devido a disparidade econômica entre os países.

Não é tarefa simples estudar a dinamicidade da paisagem, uma vez que, esta representa diferentes momentos de uma sociedade e se altera continuamente para acompanhar suas necessidades. Para compreendê-la, deve-se desvendar também as relações implicadas: naturais, sociais, econômicas, políticas etc. em todos os momentos da história, da escala local à global.



**Figura 16-** Exemplo da imagem do livro Projeto Velear  
- Código da imagem (LDGeo6.B.12.1).

Na Figura 16, é observada a fotografia de uma colheitadeira de soja, sendo operada por uma pessoa. No primeiro momento, o aluno será instigado pelo olhar a fazer alusão ao espaço rural, devido à presença da plantação de soja. Certamente pode-se ressaltar o espaço rural, o que na maioria das vezes não é ilustrado com

frequência pelos livros quando se refere à paisagem. E algumas vezes, a visão que se apresenta é a divisão do ambiente rural e urbano, como se não houvesse relações de dependência entre ambos.

Na imagem LDGeo6.B.12.1 destaca-se a presença da agricultura mecanizada em que pode-se explorar a questão da comercialização, com fins a interesses externos. Também se destaca a redução da mão-de-obra no campo, por conta do desenvolvimento do setor agrícola.

Nesta imagem LDGeo6.B.12.1 pode-se estabelecer uma discussão sobre a integração da agricultura à economia mundial e a relação que estão submetidos à dependência tecnológica e às instabilidades econômicas de mercado.

Outro aspecto a ser destacado na Figura 16, é que o espaço rural pode ser referenciado somente ao modo de produção, esquecendo-se dos modos de vida das pessoas. Também é importante salientar que cada pessoa pode ter uma percepção diferente ao olhar a imagem, já que este ambiente não é comum em todas as realidades no Brasil.

No Quadro 10, será apresentada a análise da Figura 16.

Quadro 10- Análise da imagem do LDGeo6

Código da imagem	Contexto da imagem	Tipo de imagem:	Categorias Teóricas		Proposta de uso do autor
LDGeo6.B.12.1	<p><b>Título do capítulo ou seção:</b></p> <p>Paisagem e espaço geográfico são a mesma coisa?</p>	Fotografia	<p><b>Aspectos denotativos da imagem</b></p> <p><b>Forma:</b> destaque para os aspectos visíveis; plantação de soja, vegetação, colheitadeira e o homem;</p>	<p><b>Aspectos conotativos da imagem</b></p> <p><b>Função:</b> comercial</p> <p><b>Estrutura espacial:</b> destaque para os elementos construídos pelo homem, no caso, a plantação;</p> <p><b>Processo espacial:</b> podem ser observadas as transformações no espaço, bem como as modificações naturais</p>	Introdução ao conceito de paisagem e de espaço geográfico;

Outro aspecto que podemos assinalar ao observar a imagem LDGeo6.B.12.1, é com relação à degradação ao meio ambiente, ocasionada pela introdução das técnicas de cultivo da soja, com o uso de fertilizantes ou pesticidas e também pela utilização das máquinas para preparação do solo.

As temáticas relativas a modernização da agricultura e da biotecnologia por se tratar de um assunto discutido na atualidade, recebeu mais atenção nos livros didáticos, por esse aspecto é fundamental que as imagens referentes a estes conteúdos sejam observadas com mais atenção.

Ao olhar a imagem de uma paisagem, é expresso o caráter subjetivo de um indivíduo, pois esta é carregada de significados e expressa os diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade, adquirindo uma dimensão simbólica passível de leituras espaços-temporais.

Para Santos (2014, p. 68), a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos, é sempre um processo seletivo de apreensão”. Isso significa que tudo que podemos abarcar com a nossa visão mais a nossa percepção (cores, pessoas, som, etc) pode ser considerada paisagem.

Na opinião de Milton Santos (2014), se a realidade fosse apenas uma, cada pessoa a observa de forma diferenciada, e a visão do homem pelas coisas materiais é sempre deformada. Mesmo que o autor ainda não obtivesse a proximidade com os estudos de imagem, ele relacionava com o caráter polissêmico desta.

Verificou-se que em algumas das publicações selecionadas para estas análises, as imagens podem levar o educando a dissociar o conceito de paisagem, não considerando a dinamicidade em que a mesma está inserida, reduzindo-se assim à uma visão fragmentada, escondendo os sujeitos que interagem nas transformações do espaço geográfico (Quadro 11)



**Quadro 11 – Relação das imagens das paisagens apresentadas nas coleções analisadas**

<b>Quantidade de imagens de paisagem</b>			
<b>Código dos livros</b>	<b>Somente da natureza</b>	<b>Sem a presença de seres humanos</b>	<b>Com a presença de seres humanos</b>
LDGeo1	5	2	11
LDGeo2	1	10	8
LDGeo3	9	7	6
LDGeo4	4	20	15
LDGeo5	3	15	16
LDGeo6	4	9	6
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>63</b>	<b>62</b>

Com relação a presença humana, estão sendo considerados a movimentação de pessoas em algum ambiente, pessoas em áreas de lazer e realizando uma atividade econômica.

Há uma grande disparidade na quantidade de imagens quanto a presença somente natural e a presença humana. De acordo com o quadro, verifica-se que na maioria das imagens presentes no capítulo sobre a paisagem são apresentadas sem a presença humana, e na maioria dos casos, as fotografias são vistas do alto.

Como existe um banco de imagens para que o autor ou a editora insira as imagens no conteúdo, pode-se inferir que a presença de pessoas necessita de direitos autorais, o que seria mais trabalhoso para a editora, optando - se em permanecer com a mesma imagem por várias edições do livro e além disto, há fotografias e/ou obras de arte que se repetem em várias coleções didáticas.

Quando encontra-se a presença de seres humanos nas imagens, dificilmente estes são vistos em atividades cotidianas e normais. Estes são mostrados em ambiente de grande circulação, principalmente em grandes cidades ou então realizando alguma atividade econômica, principalmente do setor primário.

Ao mostrar as paisagens urbanas, são observados prédios altos de grandes cidades e muitas das origens das fotografias, são de outros países, principalmente de países ricos ou quando nacionais representam as grandes metrópoles nacionais.

Neste sentido, conforme ressaltado por Pralon (2011, p.133), a fotografia presente nos materiais didáticos transmite um caráter de verdade inquestionável naturalizando ideias, conceitos, princípios, comportamentos, estéticas e etc., pois são lidas em uma situação de aprendizagem intencional onde não só os conhecimentos



científicos estão sendo construídos, como também a própria identidade cidadã do aluno.

Ao trabalhar o conceito de paisagem a partir das fotografias contidas nos livros didáticos, não se deve restringir à leitura de objetos e formas, pois a paisagem apresenta uma relação com o espaço vivido. Neste sentido, o dinamismo provocado pela presença do homem interagindo com as “expressões materiais” é que impõe significado a estes elementos, e deve ser incorporado às análises e interpretações realizadas no trabalho com os alunos.

Para Milton Santos (2014) é necessário ultrapassar o aspecto visível, sendo necessário ir além das aparências. Para isso, é fundamental compreender a dinâmica da produção de uma sociedade que se organiza historicamente. Assim, a paisagem é marcada por contradições econômicas e sociais que modelam a sociedade capitalista.

Notou-se que a imagem da paisagem ainda é utilizada para reconhecer elementos da paisagem, revelando uma atitude positivista, oriundo de um modelo criado no surgimento da Geografia que se desdobrou como um discurso pedagógico de tipo enciclopédico, como discurso científico, enumeração de elementos de conhecimentos mais ou menos ligados entre si por diversos tipos de raciocínio.

Estudar a composição dos elementos da paisagem significa estudar também sua temporalidade e sua interação. Ao estudar Geografia, o aluno é orientado para analisar o espaço, e a paisagem é parte integrante deste. Para considerar a percepção, que traz uma seleção subjetiva e uma análise científica que pode ser realizada, é preciso buscar também conhecer os significados existentes na estrutura da paisagem e revelar os processos que nela ocorrem e acabam por deixar registros materiais.

A paisagem não se resume às formas estáticas, pois resulta de um processo dinâmico que constantemente constrói e reconstrói. Neste sentido, o caráter polissêmico da imagem possibilita revelar a subjetividade dos alunos, permitindo que o estudo da paisagem se realize de forma indireta, sem que se restrinjam as análises e meras descrições. As imagens possuem um valor importante, quando permitem que o aluno a explore subjetivamente, revelando seus sentimentos e conceitos.

## CONSIDERAÇÕES

Podemos usar a imaginação para antecipar os movimentos reais. Podemos fazer as coisas na mente antes de fazê-las com as mãos (...). Portanto, ao mesmo tempo em que construímos um conceito, estamos construindo uma imagem dele (PONTUSCHKA; OLIVEIRA 2009, p.172 e 201).

Esta dissertação procurou investigar as perspectivas de paisagem presentes nas imagens dos livros didáticos de Geografia do 6<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental que foram aprovados no último Programa Nacional do Livro Didático de 2014, adotados no município de Maricá, RJ. Para tanto, procurou-se refletir sobre a imagem através de suas diversas interpretações e notou-se que é difícil conceituá-la pelo significado polissêmico, já que ela adquire diversos sentidos segundo a percepção de cada indivíduo.

Por meio das breves considerações sobre a história da imagem, percebeu-se que esta obteve diferentes transformações ao longo da história, até alcançar a popularidade apresentada nos dias de hoje, a fim de auxiliar a discussão, apoiamos em autores como Martine Joly, Jacques Aumont, Lucia Santaella, Cristina Costa, Roberto Aparici e Roland Barthes.

Também observou-se que as imagens assumem uma função importante no processo pedagógico, uma vez que a escola funciona como um alvo e polo de produção e difusão da imagem, por isso, há a necessidade de olhar com atenção para estas, principalmente na maneira em que estão veiculadas nos livros didáticos.

Para isso, é importante o trabalho com imagens, buscando desvendar também o que está oculto, já que uma imagem também transmite crenças e valores de um determinado grupo social. Ao olhar uma imagem de um livro didático, pode-se haver a imposição de ideias e comportamentos tidas como verdadeiros, como por exemplo, a fotografia no senso comum ainda mantém um certo grau de confiabilidade por ser mais próximo do real.

O conceito de paisagem se aproxima ao da imagem, e este não é exclusivo somente da Geografia, na medida em que esta também é passível de outras interpretações. Para isso, buscou-se a contribuição de autores da área como: Carl Sauer, Paul Claval, Jean Marc Besse e Milton Santos a fim de auxiliar na discussão.

Os referidos autores, tiveram influências importantes na reflexão do conceito de paisagem, juntamente às correntes teóricas da Geografia, apesar de cada um apresentar perspectivas diferentes, foram de fundamental importância para apresentar o conceito de paisagem em seus variados aspectos, sendo que o conceito ainda é discutido na ciência geográfica.

Entende-se que, o conceito de paisagem na Geografia tem um enorme poder de revelação, pois é possível compreender o grau de intensidade que há na relação entre a natureza e a sociedade, auxiliando também a sua subjetividade. Desse modo, o observador poderá desvendar como os elementos foram se somando e se relacionado ao longo do tempo.

O livro didático funciona como um documento para o aluno, isto é, um material escrito que é utilizado como fonte de conteúdo para desenvolver o processo educacional, devido a sua fundamental utilização na prática dentro de sala de aula, e, sendo assim, para os discentes é pouco provável que esteja equivocado.

Desta forma, o livro didático exerce, uma função importante na compreensão dos conceitos pelos educandos, em face das imagens que são veiculadas. Com isso, ressalta-se também a necessidade de estabelecer as inter-relações com o espaço vivido, devido a muitas lacunas que podem ser encontradas, pois os livros didáticos constituem-se como se fosse o único contato do educando com o conteúdo apresentado. Assim, a imagem também precisa ser identificada em suas propriedades singulares, já que são reflexo de técnicas usadas para a sua produção, porque há uma intenção no que se quer destacar.

As editoras dos livros didáticos vêm investindo no tratamento visual das coleções para se adequar ao Programa Nacional do Livro Didático. O que define o tipo de ilustração a ser inserida em um livro didático é o enfoque da disciplina, e a função que esta deve assumir em determinado conteúdo. O profissional que elege e contrata o ilustrador em uma editora de livros didáticos, em geral, é o editor de arte, designer, autor e/ou editor de texto da obra.

Apesar do investimento das editoras no tratamento visual das imagens, cabe ressaltar que muitas delas ocupam funções de meras ilustrações, ou como prova que embasam e confirmam as informações escritas. Apesar de não ter sido discutido a relação imagem e texto na pesquisa, podemos apontar como uma possibilidade a estudos futuros.

Como metodologia para fundamentar as análises da pesquisa, optou-se pelas análises documental (Cellard) e análise de conteúdo (Bardin) em que realizamos a seleção das coleções de livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental mais distribuídos no PNLD de 2014, utilizados no município de Maricá. Nestas coleções foram escolhidas somente as imagens apresentadas no conteúdo referente a paisagem.

As categorias utilizadas para estas análises, basearam-se na concepção proposta pelo geógrafo Milton Santos, que estabelece as relações do espaço com o meio natural. Também utilizamos as influências das correntes teóricas da Geografia e da proposta de uso do autor do livro.

Verificou-se que a maioria das imagens, ainda sofrem a influência do modelo tradicional da Geografia, em que ainda há a dissociação do conceito de paisagem, remetendo-se a enumerações e descrições.

Nas imagens analisadas houve a predominância das imagens fotográficas, talvez pela facilidade de acesso, mas que nem sempre contempla a paisagem em sua diversidade. Por exemplo, quando se apresenta uma paisagem urbana, as fotografias são compostas de cidades grandes ou então de áreas de regiões metropolitanas, sendo que o observador ao olhar uma imagem da cidade, pode inferir que a maioria das cidades apresentam o mesmo padrão.

Outro aspecto encontrado em algumas das coleções analisadas é quanto ao local de origem das imagens, em que algumas delas são compostas de paisagens do exterior, o que poderiam ser retiradas do próprio país para que o aluno conhecesse melhor as diferentes paisagens que estão no país. Não é que este deva ser limitado a conhecer a realidade local, mas poderia ser relacionado as diferentes realidades que existem.

A pesquisa mostrou que, ao realizar uma leitura da imagem de uma paisagem presente nos livros didáticos, seja numa pintura ou numa fotografia, não se pode perder de vista que a percepção da paisagem, propicia para os professores uma oportunidade de trabalhar os elementos naturais, culturais, políticos e econômicos que dinamizam a complexidade existente em uma paisagem, expressas nos aspectos denotativos e conotativos da imagem.

Apesar de não ter sido intenção desta pesquisa, devido ao pouco tempo, nota-se que as imagens analisadas apresentam diversas possibilidades de explorar um conteúdo em uma única fotografia e /ou desenho, portanto, estas são um grande

recurso para que os professores também explorem o potencial do aluno, contribuindo assim, para o processo de ensino- aprendizagem.

O que pretendeu-se discutir aqui, não é uma forma de fragmentação no processo pedagógico, mas um direcionamento do olhar para uma determinada situação dentre muitas que se encontram no ensino de Geografia, que pode revelar grandes possibilidades para o professor proporcionar ao aluno a compreensão do estudo da paisagem e do espaço em sua complexidade.

## REFERÊNCIAS

- ADAS, M; ADAS, S. *Expedições geográficas- 6ºano*. 1. ed. SP: Moderna, 2011.
- ALMEIDA, R.M. Imagens do livro didático de Geografia: representações do espaço geográfico. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia: UFU, v.4, n.6, p.82-99, jan/jun.2013.
- ARAÚJO, G.C; OLIVEIRA, A. A. Leitura de imagens e alfabetismo visual: revendo alguns conceitos. *Domínios da Imagem*, Londrina, UEL, ano V, n.10, p. 89-96, 2012.
- ARGAN, G. C. *Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1992.
- APARICI, R.; MATILLA, A. G.; SANTIAGO, M. V. *La imagen*. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid:1998.
- \_\_\_\_\_, *Lectura de imágenes*, Ediciones de La Torre: Madrid, 2006.
- AUMONT, J. *A imagem* Tradução: Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro – Campinas, SP: Papyrus, 2002 (Coleção Ofício de Arte e Forma).
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977 (Ed. Francesa).
- BAKHTIN. M. M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- BARROS, R. G. O conceito de Paisagem nos livros didáticos da 5ª série do Ensino Fundamental. Monografia apresentada como requisito parcial de obtenção do título para o curso de Bacharel em Geografia, Universidade Federal de Viçosa, MG, 2007.
- BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. / Roland Barthes; tradução de Léa Novaes. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BESSE, J.-M. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BITTENCOURT, C. *Livros didáticos entre textos e imagens*. In: \_\_\_\_\_. O saber histórico na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- BOCK, A. M. *Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BOLIGIAN, L. [et.al]. *Geografia espaço e vivência: introdução à ciência geográfica, 6º ano*. 4.ed. SP: Saraiva, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Dados estatísticos do PNLD. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em 15 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Guia de livros didáticos: PNLD 2014: geografia: ensino fundamental: anos finais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 144 p. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=8296:livro-geografia-03-07>> Acesso em: 13 nov. 2014.

BRITTO, M.C; FERREIRA, C.C.M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. *Revista de Geografia- PPGEO*, v.2, n.1, p.1-10,2011.

CABRAL, L. O. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências Humanas*, v.41, n.1 e 2, p.141-155, 2007.

CAIXETA, R. A arte de informar. (Associação Brasileira de Imprensa). Disponível em: [www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=556](http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=556). Acesso em: 20 dez. 2015.

CALEGARI, D. A.; PERFEITO, A. M. Infográfico: possibilidades metodológicas em salas de aula de Ensino Médio. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 291-307, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/15170/13190> Acesso em: 28 abr. 2016.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 66, 2005, p. 227-247. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 23 set. 2015.

CARDOSO, M. E. G. A linguagem das imagens e o conceito de paisagem. *Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, UFJF, v. 2, n. 1, 2013, p.11-47. Disponível em:< <http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2561/1842>>. Acesso em:18 abr. 2015.

CASQUILHO, J. A. P.; AZEVEDO, R. A. B. Paisagem como objeto semiótico: ecomosaico. *Mercator*, vol. 12, n. 27, pp. 93-100, 2013.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 5.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 137-151,2010

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 18.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CLAVAL, P. *A paisagem dos geógrafos*. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. EDUERJ: RJ,2012.

CHRISTOFOLETTI, A. *As perspectivas dos estudos geográficos*. In: \_\_\_\_\_,



Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Revista Educação e Pesquisa*, set-dez, vol. 30, ano 3, Universidade de São Paulo: SP, 2004.

COELHO, Leticia Castilho. O simbólico na paisagem através da leitura de imagens. 2008. p. 1-22. Disponível em: <http://gpitufrgs.files.wordpress.com/2011/03/castilhos-leticia-leitura-de-imagens.pdf>. Acesso em: 15. jul. 2015.

CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. EDUERJ: RJ, 2012.

COSTA, C. Imagens clássicas. In: \_\_\_\_\_ *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2.ed. SP: Moderna, 2004.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 29-41, dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072009000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 abr. 2015.

FERNANDES, A T.C. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 531-545, set. /dez. 2004.

FRADE, I. C. A. S.; MACIEL, F. I. P. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: *Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, p.3107-3122, 2006.

GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. Ed. LTC, Rio de Janeiro: 1999

GOUVEA, G.; MARTINS, I.; IZQUIERDO, M. *Discutindo as retóricas do texto didático de física a partir de uma análise do seu projeto gráfico*. 2006. Estudo apresentado no Encontro Pesquisa em Ensino de Física – EPEF, Londrina, PR, 2006.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, C. T. *Representações da técnica em Imagens de livros didáticos de física*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9, 2013, Águas de Lindóia, SP, Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, SP. Águas de Lindóia, p. 1-8, 2013.

HOLLMAN, V. Regimes visuais da questão ambiental nos livros didáticos de Geografia na Argentina. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v.4, n.8, p.221-240, jul /dez. 2014.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 14ª ed. São Paulo: Papirus, 2010.

KATUTA, A.M. As imagens na geografia: coordenadas semióticas para a



compreensão da ordenação dos lugares. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 10(1) p.54-71, jan./jun., 2012 (ISSN 1678-698X) Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>> Acesso em: 9 jun. 2015.

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma Pedagogia Pós-Moderna. In: SILVA, T. T. *Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, p. 104-131,1995.

LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual do usuário. *Revista Em Aberto*, V.16, nº 69. 1996.

LOPES, J.G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geografia. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v.16, n.2, maio / ago. 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/geografia/article/viewFile/7332/4371>>. Acesso em: 18 out. 2015.

MACÁRIO, M. Imagem do livro didático e planejamento do ensino em geografia: desafios a formação de conceitos espaciais. *GEOgraphia*, América do Norte, 12, nov. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/385/304>. Acesso em: 13 set. 2015.

MACIEL, A. B; CÂMARA, L, D. L. Diversidade de olhares: a evolução do conceito de paisagem no decorrer das décadas. *Revista Geonorte*, Edição Especial, v.3, n.4, p.887- 899,2012.

\_\_\_\_\_; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. *Sociedade e Território: Natal*, v. 23, n. 2, p. 159-177, 2012.

\_\_\_\_\_; MARINHO, F.D.P. Análise do conceito de paisagem na Ciência Geografia: Reflexões para os Professores do ensino básico. *Revista Geonorte, Edição Especial*, v.1, n.4, p. 13-22, 2012. Disponível em <<http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/index.php/edicao-especial-geografia-fisica-1>>. Acesso em: 28 mai. 2014.

MAGALHÃES, C. [et.al]. *Perspectiva geografia*, 6. 2.ed. São Paulo: Editora do Brasil,2012. (Coleção Perspectiva)

MAGNOLI, D. *Geografia para o ensino médio*. São Paulo: Atual, 2008.

MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*: tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichenberg e Cláudia Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. *Ra´ega*, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 29-48, 2001.

MYANAKI, J. *A Paisagem no Ensino de Geografia: Uma Estratégia Didática a partir da Arte*. 155 f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia: FFLCH-USP. São Paulo, 2003.

MORAES, A.C.R. *Geografia-pequena história crítica*. 12. ed., SP: Hucitec, 1992.

MOREIRA, J. C. SENE, E. *Projeto Velear: geografia- 6º ano*. 1.ed., SP: Scipione, 2012.

MOREIRA, R. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. 2. ed., SP: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, M. M; LEANDRO, A.G. Imagem do livro didático e espaço vivido: por uma dialogia possível. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*. v.1, n. 1, p.13-22, jan/ jul.2011. Disponível em: <<http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/geoaraguaia/article/view/44/>> Acesso em: 30 abr. 2014.

OLIVEIRA, S. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. *Trab. linguist. apl.* Campinas, v. 47, n. 1, p. 91-117, junho 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 set. 2015.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T; CACETE, N. H. *Para aprender e ensinar Geografia*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, A. U. *Geografia em Perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Ed.Contexto, 2009.

PRALON, L. H. *As imagens da saúde em livros didáticos de ciências*. Rio de Janeiro, 2011, 146 f Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PROJETO ARARIBÁ: GEOGRAFIA / obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável: Fernando Carlos Vedovate. – 3. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

PUNTEL, G. A. A paisagem na geografia. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S (Orgs.). *Paisagem: leituras, significados e transformações*. 1 ed. Porto Alegre: Editora. da UFRGS, p. 23-33, 2012.

QUATTRER, M.; GOUVEIA, A. P. S. Cor e Infográfico: O Design da Informação no livro didático. *Infodesign (SBDI. Online)*, v. 10, p. 323-341, 2013. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/215>.

RAMA, A; PAULA, M. M. *Jornadas.Geo- Geografia, 6ºano*. 2. ed. SP: Saraiva, 2012.

ROSOLÉM, N.P; ARCHELA, R. S. Geossistema, território e paisagem como método de análise geográfica. In: SEMINÁRIO LATINO AMERICANO DE GEOGRAFIA FÍSICA, 6. 2010, Coimbra, Actas do VI Seminário Latino Americano e II Seminário

Ibero Americano de Geografia Física, Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 1-9, 2010

SALVIO, V.L. *Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina*, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geociências, UFMG, 2008.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino).

\_\_\_\_\_. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SANTOS, C. A Linguagem Visual no Ensino de Geografia: O Uso do Desenho. *Periódico, DGE UEM*, 2001. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14156/7504>> Acesso em: 05 abr. 2016

SANTOS, C. Desenho e Mapas no Ensino de Geografia: A linguagem visual que não é vista. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) *A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza-CE: Expressão, p.185-200, 2006

SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1986

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SANTOS, I. S. O.; CHIAPETTI, R. J. N. A leitura de paisagem no ensino de Geografia do 6º ano escolar. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 18, p. 67-84, 2014.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*. v. 36, n. 128, p. 451-472, mai. /ago. 2006.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. EDUERJ: RJ, 2012.

SCHAFFER, O. N. *O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto*. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (org). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 5. ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 137-151, 2010.

SERPA, A. Milton Santos e a Paisagem: Parâmetros para a Construção de uma Crítica da Paisagem Contemporânea. *Paisagem e Ambiente*, [S.l.], n. 27, p. 131-138, jun. 2010. ISSN 2359-5361. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77376/81223>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil. *Revista Educação e Realidade*: Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set. /dez. 2012.

SMALL, J; WITHERICK, Michael. *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SOUSA, M.M. Reflexões sobre a leitura de imagens como ação educativa. *Revista Olhares & Trilhas*. UFU. Uberlândia, Ano VIII, n. 8, p. 99-108, 2007.

SOUZA, J.A.C; GIERING, M. F. O infográfico: a palavra e a imagem em texto da divulgação científica midiática. *Revista Linguagem e Ensino*. UCPEL. Pelotas, v.13, n. 2, p. 295- 317, 2010. Disponível em: <[www.rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/view/58](http://www.rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/view/58)>. Acesso em: 24 nov. 2015.

STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução: Eloísa Jahn, São Paulo, Ática, 1992.

TARTAGLIA, L. O visível e o invisível: paisagem urbana e arte pública. *Elisée, Rev. Geo. UEG*. Anápolis, v.4, n.1, p.126-139, jan/jun.2015.

TILIO, R. C. *O livro didático de inglês em uma abordagem sócio discursiva: culturas, identidades e pós-modernidade*. Rio de Janeiro, 2006. 258p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TONINI, I. M. Imagens nos livros didáticos de geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia...*Mercator- Revista de Geografia da UFC*, ano 02, n. 04, p.35-44, 2003.

VAL, R. M. G.; FERRAZ, C. B. O. *A linguagem imagética na escola e no ensino da Geografia*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10. 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(29\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(29).pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2014.

VERDUM, R, VIEIRA, L. F. S (orgs.) *Paisagem: leituras, significados e transformações*. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

VESENTINI, J. W; VLACH, V. *Projeto Teláris: Geografia- O espaço natural e a ação humana*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.